

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JULIETTE SCARLET GALVÃO AIRES SANTOS**

**TELAS ITINERANTES**  
**ARTES, TÉCNICAS E NARRATIVAS DE TATUADORAS NA CIDADE DE**  
**NATAL.**

**NATAL/RN**

**2017**

**Juliette Scarlet Galvão Aires Santos**

**TELAS ITINERANTES: Artes, Técnicas e narrativas de tatuadoras na cidade de Natal.**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Tânia Martins de Freitas.

**NATAL/RN**

**2017**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCH

Santos, Juliette Scarlet Galvão Aires.

Telas itinerantes: artes, técnicas e narrativas de tatuadoras na cidade de Natal / Juliette Scarlet Galvão Aires Santos. - 2017.

88f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curso de Ciências Sociais. Natal, RN, 2017.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Tânia Martins de Freitas.

1. Tatuagem. 2. Tatuadoras. 3. Tatuadoras - Trajetória. I. Freitas, Eliane Tânia Martins de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 391.91-055.2

null - null

## **Resumo**

Este trabalho é resultado de uma etnografia realizada na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, sobre a trajetória artística e profissional de sete mulheres tatuadoras. A observação foi feita no ambiente de trabalho delas: em dois estúdios e dois *homestudios*, e o procedimento metodológico utilizado foram as entrevistas abertas com as tatuadoras e também com algumas e alguns clientes que encontrei em sessões de tatuagem, além de entrevistas com outras pessoas que já tinham se tatuado com elas. O foco da pesquisa são as narrativas das tatuadoras e a perspectiva da tatuagem enquanto uma narrativa, pretendo abordar como se deu a construção da carreira dessas mulheres e as idiossincrasias de suas artes, procuro também apreender a poética nos entornos da tatuagem.

**Palavras-chave: tatuagem; mulheres-tatuadoras; narrativa; trajetória; poética.**

*“Eu acho que sempre terá demanda pra arte porque a arte não é só a coisa plástica, da tinta, a arte é a expressão, é uma coisa muito genuína em você, na verdade, tudo que a gente faz é pela expressão do ser.”*

*(Bia Rocha, homestudio Ateliê)*

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho às mulheres-artistas que compartilharam comigo suas narrativas e suas artes, sem elas esse projeto não seria possível.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à mainha, obrigada por ser essa pessoa linda que tu és, por ser tão gentil e amorosa, gratidão por todo seu apoio e por cuidar tão bem de mim. Você é minha força e meu porto seguro, não há palavras possíveis, nem caracteres suficientes, para descrever o quanto sou grata pelo seu amor.

À painho, obrigada por cuidar de mim, de mainha e de nós. Obrigada por sempre ter acreditado em mim e por ter investido nos meus estudos, sua força e seu caráter me inspiram a seguir em frente.

À minha família, voinha e titia, obrigada pela presença, pelo apoio, pelo afeto e pela nossa união.

À minha turma de 2014.1, vocês foram colegas de turma maravilhosos. Certeza que não encontrarei uma turma tão boa quanto a nossa (mas espero encontrar ainda). Sem vocês, minha trajetória na UFRN teria sido bem mais difícil, vocês ajudaram a tornar o caminho mais ameno.

À Tânia, obrigada, primeiramente, por ter aceito me orientar e pela paciência com meus devaneios, obrigada por me ajudar a construir essa monografia.

Ao meu amigo, companheiro de turma, companheiro de trabalho e companheiro nas trincheiras da vida, Rolfran, você foi uma das melhores pessoas que esse curso me trouxe. Esses meses, com certeza, não foram fáceis, mas ter você ao meu lado foi essencial para conseguir passar essa fase difícil.

Às mulheres que colaboraram para construir esse trabalho: Tahiane, Yasmin, Karen, Cintia, Bia e, principalmente, Jane e Jessy. Obrigada pelo tempo e pela disponibilidade em compartilhar comigo suas histórias, suas narrativas e suas artes, vocês são maravilhosas, as melhores informantes que uma aspirante à antropóloga poderia ter.

Um agradecimento especial à Jane, obrigada pela nossa amizade e obrigada por existir na minha vida.

E à Jessy, obrigada por ser essa pessoa amável e generosa que tu és, é um prazer, e uma honra, ter suas artes na minha pele.

À banca, Lilian Leite Chaves, Julyana Vilar e Carlos Guilherme do Valle, por terem aceito o convite.

E especialmente à Lilian, você é uma professora maravilhosa, jamais esquecerei suas aulas, uma das melhores do curso.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 Tatuando trajetos.....</b>	<b>12</b>
1.1 Descrição e ambientação dos estúdios e homestudios visitados.....	12
1.2 Iniciação à tatuagem de cada tatuadora.....	18
1.3 Consumidoras, Tatuadas e Tatuadoras.....	26
1.4 Artes, técnicas e estilos.....	32
<b>Capítulo 2 Mulheres empoderadas: reflexões teóricas iniciais.....</b>	<b>47</b>
2.1 As Bruxas da Coven.....	49
2.2 Experiências, desafios e assédio.....	54
2.3 O perfil do público.....	59
<b>Capítulo 3 O que uma pele fala? .....</b>	<b>63</b>
3.1 Vergonha, dor e cicatriz.....	64
3.2 Um corpo-rascunho.....	68
3.3 Dinâmica das emoções.....	72
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>76</b>
<b>5. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>78</b>
<b>6. Anexos.....</b>	<b>80</b>

## Introdução

“O lance da entrevista você tem que viver aquela coisa pra, tipo, conseguir dali extrair certas informações” (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

Acredito que, para pesquisar sobre narrativas e vivências de pessoas, é necessário sentir o que elas estão lhe transmitindo, narrando e informando. Essa monografia nasceu do meu envolvimento emocional com a tatuagem e da minha admiração pessoal pelas mulheres que exercem a arte-ofício de tatuar.

Minha experiência com a tattoo começou em 2012, foi quando fiz a primeira, nessa época, eu ainda não conhecia tatuadoras e não tinha muito conhecimento acerca do ramo da tatuagem, escolhi um estúdio de renome na cidade (nessa época era um estúdio masculino, apenas homens tatuavam) e me tatuei com o primeiro rapaz que gentilmente me atendeu.

Foi apenas em 2015 (no final de 2014 para início de 2015) que conheci a primeira mulher tatuadora e fiz com ela minha segunda tatuagem (do total de oito que possuo agora). Foi a época que começou a aparecer mais mulheres tatuando em Natal, ainda não tinha conhecimento de muitas, mas era uma quantidade maior se comparar ao ano de 2012.

Depois das experiências iniciais com uma tatuadora, senti que a confiança de entregar meu corpo a uma mulher e a interação com ela era maior e mais interessante do que com um tatuador. Ainda em 2015, comecei a ter outras experiências com a tatuadora Jane Gomes, que é uma das minhas interlocutoras na pesquisa, e desde então só me tatuo com mulheres, foi assim que surgiu meu interesse pelo tema: a partir das minhas vivências com a tatuagem e da minha proximidade com tatuadoras.

Por já ter uma proximidade com o campo e estar inserida na categoria de mulher-tatuada e consumidora de tatuagens, minha aproximação com as interlocutoras foi mais fácil. Utilizar o método da entrevista aberta também proporcionou uma maior fluidez, cheguei a fazer um esquema de perguntas iniciais, antes das entrevistas, porém, no decorrer delas, não senti necessidade de seguir rigidamente esse esquema. Tentei deixar as informantes à vontade para conduzir as entrevistas e acredito que isso funcionou bem, pois tive em mãos um material com narrativas muito ricas.

A pesquisa de campo durou cerca de quatro meses, começou no final de junho até o início de setembro, utilizei como métodos a pesquisa etnográfica e, como já mencionei, a entrevista aberta.

A primeira interlocutora é Jane Gomes, que também é minha amiga desde 2014, nossa primeira entrevista foi no dia 24 de junho em seu homestudio (um estúdio dentro de casa), Jane começou a tatuar no final de 2015 para início de 2016. Das sete tatuadoras, ela é a única com a qual eu já tinha uma relação prévia de proximidade.

Bia Rocha foi a segunda informante, eu a conhecia apenas pelas redes sociais, acredito que comecei a acompanhar seu trabalho em 2015, mas nunca tivemos contato, até o dia 3 de julho quando fui entrevista-la. Bia começou a tatuar no final de 2011, de todas as informantes ela – e Karen da Coven Tattoo – é a que tatua há mais tempo, ela tem sua trajetória marcada pela arte de rua.

O Coven Tattoo é um estúdio de tatuagem feminino em Natal/RN, tomei conhecimento dele assim que comecei a pesquisa de campo, por intermédio de uma amiga que me falou sobre “um estúdio de tatuagem só de mulheres”. Na época da minha pesquisa de campo, o estúdio Coven era formado por quatro tatuadoras: Tahiane Macêdo, Yasmin Lamacchia, Cintia dos Anjos e Joany Karen, porém, Yasmin saiu do estúdio e encontra-se seguindo carreira-solo. Tomei conhecimento disso no dia 15 de novembro, quando já tinha encerrado o campo e estava finalizando a escrita da monografia, por isso, ao longo do trabalho irei me referir à Yasmin como integrante da Coven, mas é importante atentar ao fato de que ela não participa mais do projeto e que, atualmente, o Coven está com as três tatuadoras, Tahiane, Karen e Cintia.

Karen foi a última a ingressar no projeto da Coven Tattoo e, assim como Bia, ela começou a tatuar em 2011, nossa entrevista aconteceu no dia 31 de julho e ela foi a terceira tatuadora da Coven que conheci.

A primeira foi Tahiane Macêdo, no dia 6 de julho e foi por intermédio dela que conheci as outras tatuadoras. Tahiane começou a tatuar profissionalmente em 2014 e a aprender em 2013.

A segunda tatuadora da Coven que conheci e entrevistei foi Yasmin no dia 29 de julho. Ela já tinha uma trajetória artística e trabalhava profissionalmente com ilustração antes de tornar-se tatuadora.

A última foi Cintia, que conheci no dia 17 de agosto, ela começou a tatuar há quatro anos e antes de começar o projeto da Coven, ela tinha um outro estúdio de tatuagem, o Dos Anjos Tattoo Family.

Das sete informantes a última que conheci, no dia 25 de agosto, foi Jessy Silva, ela tatua há aproximadamente um ano e atualmente trabalha no estúdio Tattoo 84. Conheci-a na universidade (UFRN) e acompanhava seu trabalho pelas redes sociais, nossa relação de proximidade se desenvolveu no decorrer do campo.

Encerrei a pesquisa de campo no dia 9 de setembro, quando fui à inauguração do estúdio Tattoo 84. Depois dessa data, percebi que já tinha informações e conhecimento suficiente para dar início à escrita.

Para desenvolver minha escrita precisei me familiarizar com o método interpretativista de Geertz (2008) que aborda a análise cultural como uma hierarquia de significados dentro de um contexto no qual os acontecimentos sociais, as instituições e os processos estão inseridos. Geertz propõe uma análise das estruturas significantes do objeto antropológico a partir da observação e interpretação de comportamentos dos sujeitos para, assim, apreender seus significados.

A noção de descrição densa (GEERTZ, 2008) também auxiliou minha escrita etnográfica. A partir da interpretação das narrativas, procurei os significados que elas traziam e busquei fazer descrições detalhadas acerca das situações que observei, dos lugares que visitei, das pessoas que conheci e com as quais tive contato durante o campo.

Para me familiarizar com a discussão da tatuagem a partir de um recorte de gênero, utilizei a obra *O Gênero da Tatuagem* de Andrea Osório (2006) como um referencial teórico norteador. Nesse trabalho, Osório pesquisa a questão da mudança de público da tatuagem, de essencialmente masculino e jovem para essencialmente feminino e jovem, e a relação desse público com a ideia de autonomia pessoal por meio da tatuagem.

Outro trabalho que utilizei como referencial teórico foi *Tatuagem e Construção de Identidade em Piriquetes* da Simone Graça de Barros (2014), nele a autora trabalha a ideia da tatuagem como construção identitária das Piriquetes, na cidade de Recife. Barros faz uma discussão acerca da tatuagem enquanto significante no processo de agrupamento das sujeitas em tribos urbanas.

Também utilizei a obra de Julyana Vilar (2012) na qual a autora trabalha a ideia da construção corporal através do *body modification* e constrói um estudo etnográfico sobre essa prática, Vilar faz um estudo sobre intervenções corporais mais extremas, como as suspensões e escarificações. Seu campo de pesquisa foram os estúdios de

tatuagem na cidade de Natal e outros espaços de sociabilidade frequentados por adeptos do body modification.

Desse modo, as escolhas teóricas que fiz e a bibliografia que utilizei serviram como base para a escrita etnográfica da pesquisa e a minha abordagem em campo está vinculada a um fator emocional. Essa pesquisa nasceu do meu desejo de estreitar a relação com o campo, aprofundar meus estudos sobre a realidade dessas mulheres e materializar uma antiga admiração platônica que nutro por essa arte-profissão.

## 1.1 Descrição e ambientação dos estúdios e homestudios visitados

O primeiro *homestudio* que eu visitei foi o da Jane Gomes, em um sábado do dia 24 de junho de 2017, porém, diferente dos outros estúdios, este eu já conhecia. Na minha memória já estava gravado cada centímetro daquela casa; lembro-me, inclusive, de quando a maca de tatuagem era em outro espaço da sala, de quando – na primeira tatuagem que fizemos juntas – ainda nem havia uma maca e Jane me tatuou no sofá.

Nesse dia, estava percorrendo o mesmo trajeto que tantas vezes já havia feito, saí do meu apartamento, localizado na avenida Abel Cabral no bairro Nova Parnamirim, às 14h, e andei cerca de dez minutos até a casa de Jane Gomes, bairro Neópolis, conjunto Pirangi. O objetivo da visita era terminar a segunda sessão de uma tatuagem, seria a quinta que faríamos juntas e poderia ser mais uma sessão como tantas outras, se eu não tivesse outra prioridade naquela tarde: entrevistar minha primeira informante.

Como eu tenho uma relação de proximidade com essa informante, já que nos conhecemos desde 2014, senti a necessidade de passar pelo processo de estranhamento e tive que, literalmente, estranhar o familiar (VELHO, 1981) tentando assimilar as distâncias culturais presentes nesta investigação.

Jane tatua desde 2015 e nesse mesmo ano começou a receber a clientela na casa atual onde mora com sua companheira. A casa é grande e confortável, a sala – onde ela costuma tatuar – é bastante espaçosa, eu diria que é possível dividi-la em duas: a “sala de estar”, com os sofás, estante e afins, e a “outra sala” – menos exposta, pois não fica tão visível à porta – onde está a maca de tatuagem (que antes ficava na “sala de estar”), é também o espaço mais iluminado da sala e iluminação é um dos instrumentos mais importantes para realizar o procedimento de tatuar, todas as tatuadoras buscam um local iluminado com o auxílio de um abajur ou similares.

Como já foi mencionado, nesta tarde nós iríamos finalizar a segunda sessão do desenho de uma *Catrina*, desenhado por Jane e tatuado na minha perna. Quando cheguei, Jane estava sozinha em casa e preparava seu almoço, perguntei se ela não tinha outros/as clientes naquele dia:

[Jane]: Pra hoje tenho não, só tu mesmo. Taes apressada?

[Juliette]: Tô não, é que antes preciso te entrevistar, pra minha pesquisa.

[Jane]: Ah! Beleza! Mas não vai me filmar não, né?

[Juliette]: Vou não, mulher. Só preciso da tua voz mesmo [risos]

Enquanto esperei Jane terminar de almoçar, conversamos sobre a receita de arroz com alho poró e sobre a comida que ela tinha feito para o almoço, constantemente ela lembrava de deixar um pouco para sua companheira – que nesta tarde ainda não estava em casa – e me oferecia sua comida, eu recusei por já ter almoçado e aproveitei o tempo para olhar seu caderno de desenhos. Havia muitos novos, outros já conhecidos e alguns tatuados na minha pele, notei que os desenhos são muito diversos, sem se prender a um estilo específico, a única semelhança que pude perceber entre eles foi a delicadeza dos traços e a abstração das figuras. Os desenhos daquele caderno foram o fio condutor do nosso diálogo que iniciou com Jane fazendo algumas ponderações sobre seu *homestudio*.

A sensação de tatuar em casa é legal, porém, homestudio 90% das vezes não é levado a sério. Até agora, não me senti desconfortável em receber clientes aqui em casa porque procuro estabelecer certos limites, tipo, tinha a vontade de montar o estúdio em um dos quartos, mas fica muito a dentro da casa, por isso faço na sala. (Jane Gomes, do homestudio)

Percebi que há uma preocupação da Jane em dividir a casa entre: o espaço de trabalho e o espaço pessoal. A sala é o cômodo com maior impessoalidade de uma casa, é o local onde se recebem pessoas e visitas, já o quarto é o cômodo associado à esfera da intimidade. Lá há um pequeno corredor que separa a sala dos três quartos a dentro, é interessante como mesmo trabalhando em seu próprio lar, a oposição entre o privado e o público ainda aparece presente aqui.

O segundo homestudio que visitei foi o da Bia Rocha, no dia 3 de julho de 2017, fica localizado na rua Felinto Manso, Cidade Alta na zona leste de Natal. De início, achei que o Ateliê (o nome do espaço) fosse um estúdio de tatuagem, ela me corrigiu dizendo se tratar de uma casa em frente ao Bar do Coelho, um barzinho situado nas imediações da Praça André de Albuquerque (também conhecida como Praça Vermelha). Eu conheci Bia há alguns anos, meados de 2015, conhecia apenas pelas redes sociais; quando comecei a pesquisa de campo, entrei em contato com ela pelo facebook para marcar essa visita.

O homestudio da Bia é diferente do da Jane porque, apesar do Ateliê também ser uma casa, Bia não mora lá, e sim, numa casa ao lado, como ela conta:

Faz três anos que eu tô aqui [tatuando no Ateliê]. Eu tatuei até nove meses de gravidez lá em casa, em Nova Parnamirim, aí quando eu tava grávida minha mãe ofereceu o espaço e reformou as coisas, mudou, deixou mais massa, só que no começo aqui não era nem pra fazer tattoo, era pra ser um ateliê de pintura e trazer todas as coisas de casa – as artes e tintas – pra cá, só que aí a única coisa que tava rolando de trampo era a tattoo e aí pronto, comecei a tatuar também, aí ajeitei aqui, adquirei mais coisas e fiquei tatuando. Faz seis meses que eu vim morar aqui mesmo [na Cidade Alta], o Ateliê é como se fosse o anexo da casa. (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

O fato do Ateliê ser um *anexo* da casa proporciona uma ideia maior de “distância” entre a vida pessoal e a profissional da Bia, já que ambas não estão completamente imiscuídas como no caso da Jane. Ambos os *homestudios* proporcionam uma ideia de familiaridade a quem os visita e às/aos clientes que lá se tatuam, embora os limites sejam diferentes no caso das duas, já que Bia tem uma divisão concreta entre seu espaço público e privado.

Marcamos nosso encontro pela manhã às 10h, demorei cerca de quarenta minutos para achar a casa – que na verdade é um “conjunto” de casas muito próximas uma da outra – e fui recebida no portão de entrada por uma senhora muito simpática, conhecida da Bia, que me levou até a casa dela. Quando cheguei, Bia parecia ter acabado de acordar e estava sozinha, ela me ofereceu água e conversamos um pouco sobre minha pesquisa, notei alguns brinquedos de criança espalhados pela sala e ela me falou sobre Aquarela, sua filha de três anos. Notei que Bia nutre uma forte afeição por crianças, vez ou outra ela falava sobre como achava as crianças interessantes, sempre curiosas, tentando descobrir o mundo, produzindo novas linguagens e formas de se comunicar.

O Ateliê traz muito de arte da rua e revela a biografia da Bia – que é também uma artista de rua – pelas paredes há grafites, pichações, pinturas, desenhos (tanto dela como de amigas e amigos) há muitas identidades estampadas nas paredes. Na sala de tatuagem há a vista para o Rio Potengi e a maca fica de frente à janela pela qual se vê a tela do sol que nasce e se põe no rio.

Os estúdios que visitei foram o estúdio feminino Coven Tattoo e o estúdio misto Tattoo 84, neste último, a tatuadora é Jessy Silva. Ambos não são “estúdios de porta”, ou seja, no “estúdio de porta” o acesso se dá diretamente à rua, qualquer transeunte pode ver a fachada do estúdio, o que não é o caso de ambos. O Coven, por exemplo, fica no primeiro andar de um prédio ao lado de um posto, ou seja, o acesso é mais difícil, não é um estúdio fácil de se achar, por isso, como Tahiane (tatuadora da Coven) falou num momento da entrevista: “nossa clientela é muito de atendimentos pela internet e nosso fluxo de porta é bem baixo”.

Minha primeira visita ao Coven Tattoo foi no dia 6 de julho de 2017, encontrei a página da Coven no facebook após uma amiga comentar comigo sobre “um estúdio de tattoo só de mulheres”, lá havia um número de contato pelo qual mandei uma mensagem, via whatsapp, a fim de marcar um encontro. A primeira tatuadora que conheci foi Tahiane, pois o número de contato da página era o dela, marcamos uma visita, na data citada acima, e depois Tahiane me mandou o número de contato das outras tatuadoras, marquei um encontro individualmente com Yasmin, Karen e Cintia, respectivamente, nos dias 29 de julho, 31 de julho e 17 de agosto.

Na minha primeira visita para conhecer Tahiane, cheguei ao estúdio por volta das 18:40h, depois de andar por um longo trajeto desde o início da avenida Engenheiro Roberto Freire. Isso porque o ponto de referência que tive foram o antigo supermercado Hiper Bompreço (que hoje em dia é um outro estabelecimento próximo ao Restaurante Sal & Brasa) e o posto BR, de modo que confundi os supermercados e tive de procurar o estúdio em cada posto onde parei – e não foram poucos – após fazer essa longa caminhada de quarenta minutos consegui achar o Coven que fica localizado no posto BR, ao lado do Sal & Brasa, na sala 01.

Quando cheguei, perguntei aos rapazes do posto onde estava o “estúdio de tatuagem”, um deles me indicou o caminho na segunda entrada à esquerda: “Ali ó, é aquela porta ali, cê chama pelo interfone a sala 01, as meninas tão lá”. O prédio onde está o estúdio também fica ao lado de um Lava-jato e perto de uma Conveniência o que torna o ambiente bastante movimentado, a sala 01 é no primeiro andar; quando subi as escadas fui recebida na porta da Coven por uma simpática e sorridente Tahiane que me abraçou e me disse para ficar à vontade.

De imediato, fiquei deslumbrada com a estética da sala de entrada, as paredes são pretas com muitos quadros nos quais há desenhos com referências a figuras

femininas e místicas. Admirei a beleza da moldura dos quadros – especialmente o quadro de moldura roxa com a arte *Mother of Crows*, de autoria da Yasmin, cujo desenho é uma mulher imiscuída em dois corvos – há também algumas revistas sobre tatuagem dispostas no centro em frente ao sofá, um grande espelho e a janela com vista para a avenida; a outra porta é a de entrada para a sala de tatuagem, lá há quatro paredes que são divididas para cada uma das quatro tatuadoras expor seus desenhos.

Nas quatro visitas que fiz ao estúdio – pela manhã (com Yasmin), à tarde (com Karen) e à noite (com Tahiane e Cintia) – em todos os turnos tinha bastante movimento e um grande fluxo de pessoas transitando por ali. No posto e na Conveniência, todas as pessoas a quem pedi informação conheciam as meninas. Quando visitei Tahiane ela estava prestes a começar uma sessão na Maria Clara, sua cliente e amiga, tive a oportunidade de entrevistar ambas e analisar a dinâmica de interação entre elas; o mesmo ocorreu quando conheci Cintia, nesse dia, tive a sorte de entrevistar mais uma cliente, Gabriela, e também encontrei novamente Tahiane.

No encontro com Yasmin, ela estava sozinha no estúdio o que proporcionou mais tempo para a entrevista e a conversa fluiu bastante, inclusive, em diversos momentos ela conduziu a entrevista de um modo pouco convencional (considerando nossas posições de pesquisadora e informante), porém muito prazeroso, foi extremamente gratificante vê-la conduzir o diálogo e perceber como ela estava à vontade em expor suas narrativas; com Karen, quando cheguei ela já estava começando uma sessão com uma cliente, de modo que fiquei na sala de entrada esperando-a terminar a tattoo, Karen mostrou-se a mais tímida das meninas, como ela mesma falou no decorrer da nossa conversa: “sou meio tímida *pra* falar”, identifiquei-me com ela já que um dos meus maiores desafios durante o campo foi vencer a timidez.

O segundo estúdio que visitei foi o Tattoo 84, no dia 25 de agosto de 2017, para conhecer Jessy Silva. Nessa data, o Tattoo 84 ainda não havia sido inaugurado. Jessy compartilha o espaço com seu amigo e tatuador Raf Ximenes e com sua companheira e *bodypiercing* Milliane Dantas. Conheci Jessy pelos corredores da UFRN, mas até então nunca tínhamos conversado, acompanhava seu trabalho pelo facebook, no seu perfil pessoal e na sua página profissional Jessy Tattoo Studio, até entrar em contato com ela no dia 24 de agosto e pedi para marcarmos uma entrevista, no dia seguinte fui conhecer o Tattoo 84.

Então, eu tinha um estúdio que trabalhava só eu e a Milli, aí coincidiu de eu ter que sair do espaço que eu tava e ter que procurar outro ponto, aí ao mesmo tempo o meu amigo Raf saiu de onde ele tava, então eu convidei ele pra gente montar um estúdio junto. A gente divide o mesmo espaço sendo que cada um tem a sua marca individualmente, cada um tem os seus clientes, cada um tem seu estilo, então a gente só divide o mesmo espaço e as despesas e aí a gente se ajuda, mas assim, eu tenho meu trampo e ele tem o dele. (Jessy do estúdio Tattoo 84)

Antes de juntar-se a esse projeto, Jessy tinha um estúdio – o Jessy Tattoo – com Milli, localizado na rua Alberto Silva, dentro de uma barbearia, onde ela ficou por uns oito meses, desde quando começou a tatuar. No dia da minha visita, fazia uma semana que Jessy, Raf e Milli haviam se mudado para o Tattoo 84 e há cerca de três dias estavam tatuando lá. A inauguração oficial aconteceu no dia 9 de setembro de 2017, com um Flash Day (evento onde tatuadoras/es disponibilizam vários desenhos de um mesmo estilo para tatuar na hora), *djs*, bebidas e o Rasteliê na sala ao lado aplicando  *Dreadlocks* e tranças. Nesse mesmo dia, fiz minha primeira tattoo com Jessy: uma vitrola, desenho de autoria dela, na parte inferior frontal da perna.

Localizado na Avenida Bernardo Vieira, sentido Zona Norte, de frente a Lojas Verona – uma loja de artigos domésticos – e ao lado de uma academia de artes maciais; o acesso ao estúdio se dá por um portão de entrada onde subi por uma escada estreita, com pouca iluminação, até o apartamento 1, no primeiro andar à direita. O espaço é pequeno, mas aconchegante, as paredes são pretas e roxas, há um balcão, uma parede por trás dele com um violão e noutra parede alguns quadros decorativos – um deles com a pintura de um peixe e rosas vermelhas – e outros quadros com desenhos de autoria da Jessy e do Raf; há duas macas de tatuagem – uma para Jessy e outra para Raf – e uma estreita varanda com vista para a avenida.

Cheguei no estúdio por voltas das 14:30h e estava bastante movimentado, Jessy estava tatuando um rapaz, havia uma cliente esperando para se tatuar com Raf e Milli estava numa aplicação de piercing em outra cliente. Sentei num banco próximo às duas moças que estavam esperando Raf, elas eram irmãs, ambas jovens (na faixa dos vinte anos) a moça que iria se tatuar estava apreensiva, pois faria sua primeira tattoo – o desenho de um leão que Raf estava reformando – nas costas, ao ver as tatuagens na minha perna iniciamos um breve diálogo:

[Cliente]: Nossa! Você tem um monte de tattoo. Tudo grande! Doeu muito?

[Juliette]: Nem tanto, viu? Foi de boa, a perna é um lugar tranquilo de tatuar, agora essa aqui [aponto para a barriga, abaixo dos seios] doeu demais.

[Cliente]: Qual foi a primeira?

[Juliette]: Foi essa aqui [aponto uma nas costas perto do cóccix]

[Cliente]: É grande também! E foi a primeira? Tá vendo? [dirigindo-se à irmã] A primeira dela foi grande também!

Isso porque o desenho que a moça iria tatuar era grande e complexo, geralmente a primeira tatuagem costuma ser menor e mais simples, justamente pelo medo da dor e também por causa do estigma que a tatuagem ainda carrega. Os diálogos seguintes foram descontraídos, numa tentativa de acalmá-la, ela me mostrou o desenho e eu elogiei sua escolha, nosso diálogo foi interrompido quando a moça, bastante proativa, ofereceu-se para auxiliar Milli que precisava de alguém para segurar um dos instrumentos na aplicação do piercing.

Nesse tempo, chegaram mais duas pessoas no estúdio, foi quando Jessy terminou sua tatuagem e me chamou, nesse mesmo momento, a cliente e Raf começaram os procedimentos para a preparação da tattoo. O espaço, por estar bastante movimentado, dificultou um pouco a entrevista, o áudio do gravador de voz do celular ficou com muitos ruídos e eu tentei ser breve para não atrapalhar a dinâmica do ambiente.

Durante a entrevista, Jessy reiterou o apoio do Raf e a cumplicidade entre ambos, acredito que na tentativa de delimitar que não há, entre eles, conflitos decorrentes do recorte de gênero e também reiterou a diferença do público dela para o dele; antes de montar um estúdio em conjunto, Jessy já havia conquistado sua própria clientela que se mantém com ela. De fato, foi interessante constatar que há uma parceria genuína e uma enorme receptividade entre os dois, fato que me deixou à vontade para conhecer mais o estúdio e motivou-me a voltar para outras visitas e outras tattoos.

## **1.2 Iniciação à tatuagem de cada tatuadora**

Durante a análise das narrativas, percebi que todas as tatuadoras, com exceção da Karen, apontaram o desenho como atividade precedente à tatuagem; em alguns casos, a tatuagem aparece como uma evolução artística do desenho, em

outros como um talento intuitivo que se combinou ao desenho de modo a expandi-lo a partir de uma nova ferramenta, como uma substituição do lápis pelas agulhas. Porém, a principal convergência que puder notar entre elas, é a compreensão da tatuagem enquanto uma expressão artística e não apenas uma reprodução.

É muito instigante quando um cliente chega pra você e pede pra você criar uma arte pra ele porque quer uma coisa diferente. Eu acho que isso de chegar e dizer: “quero fazer alguma coisa que seja sua”, é muito da confiança com o artista, porque lá fora [em outros países], a gente não é chamado de “tatuador”, é chamado de “*tattoo artist*” que é “artista de tatuagem”, aqui a gente é visto só como tatuador, mas lá fora existe reconhecimento como artista. Então, as pessoas sabem que não é só uma reprodução é alguma coisa que vai ficar na sua pele pra sempre, uma arte e é especial”. (Yasmin do estúdio Coven)

Yasmin traz a oposição entre trabalho comercial e trabalho autoral e o conceito de identidade visual que reflete sua biografia enquanto ilustradora. Mesmo antes de tornar-se tatuadora, Yasmin sempre se dedicou profissionalmente à arte, ela já era uma artista visual com formação técnica e acadêmica (tecnóloga em designer gráfico e graduanda em Artes Visuais) de modo que a tatuagem foi uma evolução em seu trajeto enquanto artista e uma transformação contínua do seu trabalho predecessor como ilustradora.

Isso significa que ela já trazia o conceito de identidade visual em suas artes, enquanto era ilustradora e trabalhava com merchandising, Yasmin criou uma identidade e levou isso para a tatuagem.

Eu sempre fiz trabalhos como artista visual, fiz trabalhos de identidade visual, fazia muito trabalho de *merchan* pra banda – ainda faço – então, eu trabalhava muito com ilustração, aí eu pensei: “por que não levar essa ilustração pra outro patamar?”, tipo, colocar na pele das pessoas, aí perguntei se T\* podia me ensinar e ele concordou. Quando eu ia pras sessões pra ele tatuar minha perna, em algum momento da sessão, ele botava a máquina na minha mão e me dizia o que fazer e como fazer, e aí foi dando certo, eu investi, comprei meu material e comecei a tatuar. (Yasmin do estúdio Coven)

Ela fala de levar a tatuagem para um “outro patamar” da ilustração, ou seja, a tatuagem é uma evolução contínua; “contínua” porque Yasmin aponta constantemente a atitude de estar sempre estudando, para ela, a tatuagem é um processo contínuo de aperfeiçoamento técnico.

Eu sempre desenhei, desde pequena, não consigo lembrar quando especificamente eu comecei a desenhar porque eu acho que sempre desenhei. Minha mãe viu que eu tinha esse interesse em desenhar, me incentivou e eu nunca mais parei. Aí evolui no desenho, né, porque a gente só evolui se a gente desenha sem parar. Eu acho que eu cheguei num nível do desenho que me agrada, mas ainda quero crescer, como na tatuagem [...] Eu tô feliz com meu trabalho, mas não me acomodo, não, sabe? Eu gosto de estar sempre estudando pra melhorar porque conhecimento e técnica não tem fim. (Yasmin do estúdio Coven)

Yasmin passou grande parte da sua vida dedicando seus estudos à arte, todo o seu devir foi resultado de um esforço para evoluir, primeiramente no desenho, depois para o designer gráfico, adiante veio a ilustração e as artes visuais, até chegar na tatuagem. Esse processo constitui-se como etapas nas quais foi necessário um empenho e um investimento pessoal, artístico e emocional. Por isso, ela traz essa oposição entre trabalho comercial, que seria a reprodução de um desenho de autoria de outrem, e o trabalho autoral que são os desenhos de autoria própria nos quais ela expressa sua identidade visual.

É interessante perceber também como o ciclo de amizades teve uma forte influência, não só para Yasmin, como para todas as outras tatuadoras. Elas já tinham contato com o meio da tatuagem e tiveram o apoio de um círculo social para começar a empreitada, inclusive, sendo esses amigos seu primeiro “público”, a primeira “clientela”. Yasmin também traz uma nova categoria, colocando-se enquanto consumidora de tatuagens, ou seja, ela era alguém que já estava inserida no meio, porém do outro lado da maca.

Também notei que a figura materna aparece nas narrativas da Yasmin, da Bia e da Jane; no caso da Yasmin, a mãe incentivou suas primeiras expressões artísticas no desenho e foi também por influência, indiretamente, da mãe que Yasmin escolheu o espaço onde hoje é o estúdio da Coven.

Diferente da Yasmin – e aproximando-se da narrativa das outras tatuadoras – Karen começou a tatuar como um *hobby*. De início, a aspiração pela tatuagem aparece de uma forma intuitiva.

Eu já comecei a tatuar faz um tempo, sou a mais antiga das meninas [da Coven] que tatua. Eu comecei a tatuar acho que em 2011, aí depois eu fiquei só como se fosse um hobby, porque eu estudava também, fazia graduação em geografia, estagiava, era bem ativa na graduação. Eu ficava fazendo tatuagem só naquela coisa, aquele hobby, fazia de vez em quando, aí tem uns dois anos que eu saí, me desvinculei da universidade, do estágio, e aí tô só tatuando mesmo. (Karen do estúdio Coven)

Apesar da formação acadêmica da Karen está em um patamar distante das artes, ela também tem a compreensão de seu ofício como expressão artística. Quando começamos a falar sobre seus trabalhos, estilos e técnicas, ela me mostrou algumas tatuagens que fez em uma amiga e pontuou uma acentuada predileção por essas *tattoos* por serem criações suas, ela gostava da autonomia que essa amiga lhe proporcionava e da liberdade de criar uma arte de acordo com o que ela achava adequado.

Tem uns trabalhos que eu faço na minha amiga, que quando eu comecei ela era tipo cobaia, eu gosto muito de fazer o dela porque ela me dava muita autonomia de fazer, de construir da forma como eu acharia mais bonito. (Karen do estúdio Coven).

Essa atitude converge com o que Yasmin falou sobre ter confiança no trabalho do artista e deixá-lo ter autonomia para criar uma arte para seu corpo. O círculo de amizades também aparece como influência na trajetória da Karen, nesse caso, a amiga foi a pessoa que confiou o corpo a ela; além disso, ela também apontou que começou a tatuar no estúdio de um ex-namorado e que ele foi sua influência. Poder-se-ia dizer que a paixão da Karen por tatuagem nasceu a partir de uma observação participante despretensiosa.

Tahiane foi a que se mostrou mais engajada politicamente, sua formação acadêmica – também distante das artes – provavelmente moldou a Tahiane que se apresentou para mim durante nossos encontros: uma pessoa com linguagem verbal bastante fluente e com uma bagagem teórica essencialmente politizada.

Eu comecei a tatuar em 2013... comecei a aprender em 2013 e comecei a tatuar profissionalmente em 2014. Eu sempre gostei de desenhar, desde criança, isso foi crescendo comigo, quando eu fiz vestibular – pra Jornalismo porque Artes até então era impensável – eu me formei em Jornalismo, trabalhei cinco anos na área e aí... Eu acho que algumas pessoas falavam que eu podia tatuar porque eu desenhava bem, mas passaram alguns anos até eu maturar a ideia e começar a pensar nisso. Depois de uns anos eu comprei uma máquina e aí comecei a tatuar, uma amiga que me incentivou, então esse aprendizado e esse apoio dentro do próprio meio ele poucas vezes veio de homens, a solidariedade a dar o corpo primeiro foi de uma mulher. (Tahiane do estúdio Coven)

O contato com o meio acadêmico provavelmente proporcionou a ela o acesso aos debates sobre gênero que tecemos durante a entrevista, Tahiane enfatiza o apoio entre mulheres como uma característica atenuante para a sua decisão de montar um estúdio feminino.

Eu acho que a arte sempre esteve em mim e, no fim das contas, a gente quer um jeito de pagar as contas com algo que nos faça feliz, aí chegou um momento que eu percebi que podia pagar as contas com isso e larguei o Jornalismo pra sempre [...] Sempre esteve em mim, a arte e o desenho, eu só não sabia como fazer, então, eu descobri que os seres humanos são uma ótima tela. (Tahiane do estúdio Coven)

Tahiane explanou como a tatuagem surgiu de uma vocação nata desenvolvida a partir da paixão precedente pelo desenho e de um amor pela arte.

Talvez, de todas as tatuadoras, a iniciação da Cintia tenha sido a mais espontânea. Pelo que pude inferir a partir da nossa conversa, tudo começou com um *insight* pouco convencional.

Eu comecei a tatuar há 4 anos, já desenhava e um dia eu tava num estúdio de tattoo e um tatuador começou a conversar comigo, aí começou a falar: “você desenha? Então por que não começa a tatuar?”, aí eu: “como assim?”, aí ele me explicou, mostrou a máquina, o mercado ainda não era tão fácil quanto tá hoje em dia, aí eu comprei tudo que eu precisava e comecei. (Cintia do estúdio Coven)

O *insight*, a ideia, surgiu de um terceiro sujeito, um outro tatuador que viu na Cintia um talento. É interessante perceber como o desenho aparece enquanto

prerrogativa não só para as minhas informantes, como também para outros tatuadores, é como se fosse uma característica necessária para desenvolver as técnicas da tatuagem.

“Arte de rua” é um conceito-chave para entender como Bia Rocha compreende a tatuagem e como ela vê sua trajetória enquanto tatuadora. Apesar de ter cursado a faculdade de Jornalismo, na UFRN, muito da experiência artística e profissional adquirida por ela ao longo de sua trajetória veio das ruas, isso porque Bia é uma artista de rua e foi o grafite que lhe influenciou a entrar no mundo da tatuagem. Hoje em dia, Bia – assim como as outras – não trabalha no seu campo de graduação, ela só trabalha com coisas artísticas, como afirmou no decorrer da entrevista.

Eu acho que comecei a tatuar, principalmente, por ver outras pessoas que pintavam na rua, faziam grafite e começaram a tatuar pra meio que expandir as ferramentas de arte. Eu fazia grafite antes de fazer a tattoo e exatamente vendo muitas pessoas que eram massa no grafite, assim, bem ativista do grafite, aí pensei: “pô, massa”, aí a pessoa vai se ligando. É uma coisa diferente de tudo, tipo, você desenha, você faz corte stencil, mas nada é como a tattoo. Aí você vai se ligando: “pô, vou começar a tatuar”. Aí tinha um amigo meu que vendia as coisas, eu comprei as primeiras coisas com ele pra começar, comprei o maquinário e comecei. (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

A atividade de tatuadora aparece enquanto transformação contínua na trajetória dela do grafite para a tatuagem e, novamente, destaca-se como as influências de seu círculo de sociabilidade delinearam esse tornar-se tatuadora; muito embora, como ela pontua, sejam atividades opostas (o grafite e a tattoo), os aprendizados sobre tatuagem foram adquiridos em seu percurso enquanto artista de rua, ela já era uma artista e tinha contato com a arte.

No momento que estávamos falando sobre seu público, novamente percebi a influência do círculo social, mas o nicho dela se ramifica em dois polos: a rua e a universidade. Quando ela fala que:

No início era muito a galera da UF porque era a galera que queria a tattoo e sabia que a pessoa tatuava, aí tipo, dessas pessoas da UF foram ramificando pra pessoas que às vezes não tem absolutamente nada a ver,

assim, tipo, uma pessoa que eu jamais encontraria na rua. (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

Percebe-se que na rua há o aprendizado e as influências artísticas necessárias para a empreitada, já na universidade há a aplicabilidade do exercício de tatuar, foi onde ela conquistou a primeira clientela.

Assim, pra minha vida foi possível, acho que logo, viver de arte. Eu tive ajuda pra conseguir ser aceito isso, no meio em que eu vivo, acho que tem outras milhares de pessoas que tem mais dificuldades, que são artistas, que poderiam fazer coisas maravilhosas, mas não tem acesso. (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

Bia teve o suporte familiar necessário para conseguir viver de arte, ela também aponta a figura materna como um apoio necessário: foi a mãe quem cedeu o espaço do Ateliê para ela tatuar. Além disso, como ela só trabalha com demandas artísticas, em certo momento ela afirma que “o único trampo que estava rolando era tattoo”, ou seja, a tatuagem aparece como forma de subsistência afastando-se do senso comum da tatuagem como profissão marginalizada.

Para Jane Gomes, a tatuagem também aparece como um “meio promissor”, sobre isso, ela tece apontamentos semelhantes sobre a tatuagem como um trabalho rentável.

Eu comecei a desenhar criança, acho que tinha uns sete anos, mas só fui me dedicar às técnicas acho que em 2010, aí comecei a tatuar porque já gostava de desenhar, mas é aquela coisa, só vender desenho não dá renda, aí percebi a necessidade de entrar em outros ramos e a tatuagem é um meio promissor pra quem quer viver de arte e desenho. (Jane Gomes, homestudio)

Embora não seja uma profissão regulamentada, é possível perceber a partir desses relatos que há uma mudança em como se encara a tatuagem nos dias de hoje. A dissertação de Zeila Costa (2004), por exemplo, demonstra como a tatuagem saiu do “porão”, deixando, aos poucos, de ser uma atividade vinculada a grupos de contracultura e subversão para ocupar os “estúdios” e tornar-se um meio com uma maior diversidade de indivíduos e grupos; além de, cada vez mais, a própria tatuagem

ter seu significado desvinculado da ideia de marginalidade, sendo mais aceita socialmente e sendo aderida por mais pessoas.

Além disso, para Jane, a tatuagem é o ramo onde ela pode expressar sua arte e uma ferramenta com a qual é possível expandir suas técnicas de desenho. Isso porque o desenho aparece como uma prerrogativa ainda muito marcante em sua trajetória, a maioria de suas tatuagens são desenhadas previamente por ela e muitas/os clientes pedem para que ela reforme ou mesmo produza desenhos para serem tatuados.

Sobre sua primeira tatuagem, Jane comenta:

Minha primeira tatuagem... assim, a primeira pessoa que eu tatuei foi uma amiga da minha mãe, foi lá em casa [a casa onde morava com a mãe, no bairro Mãe Luiza], eu tinha feito um coraçãozinho no dedo dela, eu tava tão nervosa que tremia tudo, ficou todo tremido, ainda bem que saiu na outra semana porque não pigmentou. (Jane Gomes, homestudio)

Quando a questioneei sobre qual foi a reação da sua mãe, ela respondeu de forma descontraída: “Foi bem de boas, foi na casa de mãe, inclusive. Ela ficou de boa, foi ela quem me ajudou a convencer a amiga, isso depois de eu convencer ela também, né”.

Jessy cursa a faculdade de Letras na UFRN, sua formação acadêmica também se deu distante da arte, de modo que a tatuagem apareceu primeiramente como desenvolvimento espontâneo de um hobby.

Eu já desenhava, mas eu desenhava mais como hobby, e aí surgiu assim, a tatuagem pra mim. Foi totalmente ao acaso porque eu ganhei uma máquina da minha irmã e começou como brincadeira, fui brincando, testando e aí depois ficou algo realmente profissional, a própria galera ficava incentivando, meus amigos. Eu continuei até trabalhando, aí depois de uns três meses, eu larguei o trabalho e fiquei só tatuando mesmo. (Jessy do estúdio Tattoo 84)

É possível definir a tatuagem, a partir da perspectiva da Jessy, como uma vocação intuitiva, visto que – de acordo com suas inferências – a tatuagem surgiu para ela de forma espontânea. Jessy tatua há, aproximadamente, um ano e já domina técnicas avançadas como os estilos realista e *blackwork*. A escolha por entrar no ramo

também foi influenciável, mas de uma forma menos direta considerando que ela não assinalou, no decorrer da entrevista, um acesso precedente ao meio, seja como consumidora de tatuagens ou como observadora participante de outros profissionais.

### 1.3 Consumidoras, Tatuadas e Tatuadoras

Enquanto estive em campo tive a oportunidade de conhecer e entrevistar algumas, e alguns, clientes das minhas informantes. A primeira foi Maria Clara, amiga da Tahiane que no dia da entrevista estava lá para se tatuar com ela, acredito que devido à intimidade entre elas o diálogo fluiu de uma forma bastante profícua, ambas tinham perspectivas convergentes acerca do debate que estávamos construindo. Conheci também Gabriela, ela tinha acabado uma sessão de tatuagem e estava no estúdio da Coven no dia que fui conhecer a Cintia, coincidentemente, também encontrei a Tahiane lá.

A Fernanda\*<sup>1</sup> encontrei pelos corredores da universidade, ela fez algumas tatuagens com Bia Rocha e, em um momento, comentei que ela era uma das minhas informantes, enquanto conversávamos sobre nossas pesquisas, Fernanda dispôs-se a compartilhar comigo um relato sobre sua experiência com a sua tatuagem *under boobs* (que é o desenho abaixo dos seios). Os outros são os clientes e amigos da Jane, Arnaldo\* e Hugo\*, pude entrevista-los no dia 24 de outubro de 2017 quando fui fazer uma breve observação participante de suas sessões de tatuagem.

Optei por trazer essas sujeitas e sujeitos para a discussão porque comecei a me questionar sobre as pessoas que estão do outro lado da maca. É quase unânime que ninguém consegue se tatuar apenas uma vez, sempre depois da primeira fazemos a segunda, e depois outra, e talvez mais uma(s). No entanto, a frequência com a qual alguém se dispõe a preencher sua pele com desenhos, as subjetividades envolvidas nesse ritual, a superação da dor, do medo e da indecisão, todos esses fatores criam categorias divergentes as quais discuto adiante.

Uma dessas categorias foi trazida pela Yasmin quando ela se colocou como uma “consumidora de tatuagens”. Nesse caso, a tatuagem aparece como um produto e a “consumidora” aparece como alguém que está constantemente consumindo esse produto, vai um pouco além de ser, simplesmente, uma “pessoa tatuada” porque traz

---

<sup>1</sup> Pseudônimos, apontados com asteriscos, utilizados para preservar a identidade das informantes em questão.

uma perspectiva de continuidade, de estar sempre consumindo a tatuagem, sempre inserida nesse meio. Por isso, percebi que estava lidando com três categorias: a “consumidora”, a “tatuada” e a “tatuadora”.

Aqui pretendo desconsiderar os fatores materiais que norteiam a escolha individual de consumir tatuagens, pois, no geral, esse consumo demanda um preço dispendioso e não é todo mundo que tem capital suficiente para se tatuar todo mês, por exemplo. Pretendo considerar os fatores subjetivos e psicológicos que norteiam essas categorias.

Acredito que consumir, ser uma consumidora, de tatuagens vai além de uma vontade, um desejo, por ter um desenho gravado na pele. O *consumir* implica numa pulsão onde o prazer não está só na finalização da arte e sim em todo o procedimento que a envolve, inclusive a dor. Pude perceber essa diferença com mais clareza quando observei Arnaldo e Hugo.

Arnaldo estava fazendo sua segunda tatuagem (ambas com Jane), já Hugo tem tantas tatuagens que, sequer, parei para contar. Quando cheguei, por volta das 18 horas, no homestudio, Jane estava preparando a maca, Arnaldo parecia ter acabado de chegar e Hugo já estava lá com seu companheiro. Os dois desenhos (do Arnaldo e do Hugo) eram simples, todos do portfólio da Jane e seriam riscados no braço dos clientes.



Figura 1: Desenho de autoria da Jane tatuado em Arnaldo. Fonte: própria (2017)

Arnaldo foi o primeiro a se tatuar e estava, nitidamente, mais apreensivo do que Hugo, sua primeira experiência com as agulhas foi um pouco mais sofrida: era um desenho maior, na coxa e Arnaldo reclamou bastante, quase chorou de dor e, segundo

ele, no dia seguinte não queria mais ouvir falar de tatuagem. A sensação de medo era um traço característico no Arnaldo e totalmente ausente em Hugo.

[Juliette]: Sua segunda tatuagem, você tá com medo?

[Arnaldo]: Um pouco... um pouco apreensivo...

Ele falava mexendo incessantemente nos cachos do cabelo e se posicionando na maca.

[Arnaldo]: Dá uma *sensaçãozinha* de cirurgia porque são luvas e eu vou ser cortado agora... e tipo, vai ficar queimando depois, é meio *bugado*.

A sensação da pele “queimando” que ele aponta é a ardência pós-tatuagem devido ao trauma decorrente da fricção das agulhas na pele, toda tatuagem é um ferimento, uma ferida ocasionada voluntariamente e criteriosamente na pele para fixar pigmentos que se alinham construindo uma imagética.

Assim que ouviu o barulho da máquina, Arnaldo começou a reclamar – em um tom leve e descontraído – e pedir calma à Jane que, sempre compenetrada e silenciosa, limitava-se a rir discretamente da situação.

[Arnaldo]: Jane, calma... Vá com calminha...

[Juliette]: Esse barulhinho é terrível, né?

[Arnaldo]: Sim!

[Arnaldo]: C\*\*\*\*! Dói muito!

Nesse momento, Jane começou a tatua-lo e eu fui para a outra sala, sentar-me no sofá com os demais presentes, para não deixar Arnaldo ainda mais nervoso. O desenho era pequeno e por isso a tatuagem foi rápida, o próximo na maca seria o Hugo.



Figura 2: Desenho da Jane inspirado no quadro A Criação de Adão para tatuar Hugo. Em decalque. Fonte: própria (2017)

O desenho de Hugo foi na parte superior do pulso, ele estava tranquilo e quando o procedimento começou parecia nem sentir as agulhas cortando sua pele. Perguntei a ele se a dor não o incomodava, no que ele me respondeu: “A dor é a melhor parte da tatuagem, tipo, quando eu tô tatuando, porque quando tá pronto fica legal, mas você fica com vontade de fazer mais... Vicia”.

Hugo pode ser considerado um consumidor de tatuagem, ele consegue alcançar as subjetividades envolvidas no ritual e ressignificar a própria dor. Quando ele fala que “a dor é a melhor parte da tatuagem”, ela aparece aqui como um ente quase tão vívido e material quanto o desenho, não é mais uma sensação que se dissipa com o fim do momento, ela torna-se tão eterna quanto a tatuagem porque se materializa na recordação, apesar de não ser vista, ela perpetua e é ainda mais pessoal por ser tão subjetiva e intangível, faz parte da esfera íntima do Hugo, foi ele que a sentiu, pertence a ele.

Maria Clara também pode ser considerada uma consumidora, partindo de um ponto de vista não tão subjetivo, mas analisando a quantidade e variedade de tatuagens que ela carrega. Em certo momento, perguntei a ela quais desenhos seriam tatuados.

Vou fazer nesses dedos: um sol, uma tesoura, um gato, um cacto – aqui vai ter uma folhinha – aí vai ter essa frase aqui [ela mostra o decalque no ombro] *All is full of love* que é uma música da Bjork, que eu re-escutei um dia desses e fiquei “aaah ela expressa minha vida”, “tudo está cheio de

amor"... e aí, enfim, escolhi ter essa frase porque é algo que quero me lembrar sempre, ter como um mantra, que a gente tem que amar as pessoas, né? Amar e lembrar que tem amor ao nosso redor. (Maria Clara, cliente da Coven)

Maria Clara possui aproximadamente onze tatuagens, muitas minimalistas – como os desenhos nos dedos – e de várias tatuadoras (principalmente da Tahiane), a maioria são com mulheres, apesar de ter aberto uma exceção para um rapaz, aprendiz da Tahiane. Maria Clara, inclusive, foi quem cunhou o termo “telas itinerantes” enquanto Tahiane falava sobre os seres humanos serem uma ótima tela para seu trabalho.

[Maria Clara]: É uma tela, tipo... itinerante...

[Tahiane]: Você não tem controle sobre ela, eu posso tatuar ela aqui, fazer um trampo grande e só termino se ela voltar pra segunda sessão. Eu não tenho controle sobre isso, no fim das contas, a tela ela tem que ter muito poder sobre o que ela tá tatuando.

A questão do “poder da tela” foi mais um motivo para pensar sobre essas categorias, a tatuagem é um trabalho em equipe, são duas pessoas criando uma arte. Confiar seu corpo a uma outra pessoa, postar-se voluntariamente numa maca para passar horas sentindo dor e posteriormente cuidar daquela ferida para que ela se torne uma imagem, é uma experiência que demanda autoconfiança, confiança no outro e poder de si.

Eu sempre falo para meus clientes: “temos dois trabalhos aqui, eu e você; o meu trabalho foi até agora, a realização do processo, e o seu trabalho começa agora que é cuidar da sua arte pra ela cicatrizar e ficar bonita, você tem que preservar ela”. (Yasmin do estúdio Coven)

A tela é parte integrante do processo, a pessoa tatuada e a consumidora devem ter essa consciência.

Pude deduzir pouco sobre Gabriela, pois nosso contato foi muito breve, eu estava entrevistando Cintia, enquanto ela e Tahiane conversavam na mesma sala, de início Gabriela estava tímida e não queria dar depoimento, mas à medida que a conversa fluiu ela começou a participar também e fazer algumas observações.

Gabriela já conhecia Tahiane e fizeram a primeira tatuagem juntas neste dia, além de ser a segunda da Gabriela, a primeira foi feita em outro estúdio (um estúdio

misto). Sobre suas tatuagens, ela falou: “minha família me bloqueia muito em relação a isso. Mas é o que eu gosto, é isso que me expressa, ser quem eu sou”. Gabriela desafiou os preceitos da família para modificar seu corpo.

Assim como Fernanda que, em seu relato de vergonha com a *tattoo under boobs*, ela também falou sobre o mesmo problema em relação à família.

Todas as tatuagens que eu tenho são relativamente escondidas porque eu venho de uma família muito tradicional e interiorana e que tem muito preconceito com várias questões, principalmente em relação ao corpo, na minha família as pessoas que são tatuadas a maioria são os homens, tem poucas mulheres tatuadas. (Fernanda, consumidora)

Fernanda tem várias tatuagens e demonstrou ter bastante conhecimento acerca do tema, ela falou que seu estilo predileto era o *blackwork* e que começou a consumir tatuagens logo após entrar na universidade, numa tentativa de tentar se encaixar aos grupos considerados “alternativos” e desvincular-se da moralidade instituída por anos pela sua família.

A situação de vergonha que eu passei foi na casa da minha vó, eu cheguei, fui me abaixar e a blusa caiu e deu pra ver uma ponta dessa tatuagem que é entre os seios, e daí a primeira coisa que disseram: “é tatuagem de puta?”. Além da minha vó dizer que tatuagem é coisa de marginal, quando viu o local da tatuagem, aí deixa de ser marginal e é puta, aí virou o babado no grupo do whatsapp da família. Depois disso, decidi que não ia mais esconder tatuagem nenhuma, aí fui e fiz uma no ombro, daí agora faço questão de mostrar. (Fernanda, consumidora)

Ela aponta que, assim que começou a consumir, tinha o cuidado de esconder da família, ao mesmo tempo esse cuidado revelava o medo em se mostrar, uma forma de esconder a si mesma e a seus gostos, mas após essa situação, ela não enxergou mais a necessidade de ter essa cautela. Acredito também que um dos traços do consumo é o exibicionismo, não no sentido pejorativo, e sim como uma forma de exibir aquele adorno, afinal, o indivíduo que consome um produto quer mostra-lo. No caso da tatuagem, é a nova roupagem de um corpo que está se construindo, é um investimento físico e emocional em si mesma e para si.

Não pretendo expor essas categorias de uma forma taxativa sobre quem é consumidor e quem não é, mas achei interessante desenvolver a perspectiva da Yasmin e sugerir algumas hipóteses. Ela poderia simplesmente ter se colocado enquanto “mulher tatuada” ou “pessoa que se tatuava”, mas usou o termo “consumidora” dando uma maior abrangência ao significado que aquelas tatuagens tinham para ela. Particularmente, coloco-me também nessa categoria, *consumo* tatuagens, muito embora minha relação com a dor não seja tão tranquila quanto a do Hugo, nem tão turbulenta como a do Arnaldo.

#### 1.4 Artes, técnicas e estilos



Figura 3: Jessy tatuando o desenho de uma vitrola, autoria dela, na minha perna. Nossa primeira tatuagem no Flash Day de inauguração do estúdio Tattoo 84. Fonte: própria (2017)

Optei por dedicar uma sessão específica para estilos e técnicas de tatuagem, porém, como são muitos, ater-me-ei àqueles que foram expostos pelas minhas informantes, tanto fazendo parte de seus portfólios, tanto como identidade visual ou mesmo por puro gosto pessoal. No primeiro momento, irei discorrer sobre essas técnicas relacionando-as a cada tatuadora – o que não significa que elas só trabalhem

com aqueles estilos, todas trabalham com técnicas e estilos variantes, mas algumas especificidades foram apontadas durante as entrevistas – no segundo momento, irei discorrer sobre dois casos específicos que me chamaram particular atenção: o da Yasmin e da Cintia.

Começando pela minha técnica predileta: o blackwork, amplamente utilizado pela Jessy e pela Yasmin. À primeira vista, essa técnica pode parecer simples, já que consiste basicamente em desenhos todo feito em preto, porém, é uma das técnicas mais difíceis de se trabalhar. O blackwork surgiu, inicialmente, a partir da popularização de maoris e tribais.



Figura 4: Tatuagem Maori. Fonte: google.



Figura 5: Tatuagem Tribal. Fonte: google.

O estilo Maori popularizou-se devido à assimilação cultural de tradições polinésias da civilização Maori (povos nativos da Nova Zelândia) e as tribais têm uma tradição milenar com diversos significados: em algumas tribos como a Borneo, a Maori

e os Celtas, elas poderiam representar posição social como insígnias de militares das tribos. Os desenhos maoris costumam ser geométricos com tribais e possuem símbolos repletos de significados culturais como o *Koru* (imagem em formato de espiral) e o *Hei matau* (imagem em formato de anzol). As tattoos tribais consistem em traços pretos que podem formar vários desenhos, no meu caso, minha primeira tatuagem foi uma fênix tribal, uma tattoo toda em traços pretos formando uma fênix.



Figura 6: Minha primeira tatuagem, uma fênix tribal. Os traços coloridos formando a imagem de um sol foram tatuados pela Jane em 2016 e não fazem parte da tatuagem original. Fonte: própria (2017).

O blackwork surgiu também como alternativa ao *cover-up* – que é a técnica utilizada para cobrir uma tatuagem com outra – e, com a popularização de maoris e tribais, alguns artistas decidiram reinventar o preto misturando-o com geometria e pontilhismo: assim nasceu o blackwork, também chamado de neo-tribal. O blackwork pode ir desde o desenho mais simples: como linhas grossas envolta ao braço, até desenhos mais sofisticados com técnicas de sombreamento, uso de espaços negativos (parte da pele sem tinta), pontilhismo e geometria.



Figura 7: Exemplo de tatuagem blackwork com espaços negativos. Fonte: google.



Figura 8: Tatuagem blackwork da Jessy. Fonte: Jessy.

Durante o campo, uma das tatuagens que fiz com Jessy foi uma cobertura em blackwork, antes eu tinha pássaros sobrevoando meu ombro e cobri com um corvo todo em *black* e algumas pinceladas de pontilhismo.



Figura 9: Primeira sessão do Corvo feito com Jessy. Fonte: própria (2017)



Figura 10: Primeira sessão do Corvo feito com Jessy. Fonte: própria (2017)

Apesar de aparentemente ser uma técnica simples, preencher grandes áreas continuamente em preto é um trabalho minucioso e difícil, os traços precisam ser contínuos e, além disso, a cor preta – quando utilizada para preenchimento em larga escala – é difícil de pegar, principalmente em um desenho *black*, sendo necessária, pelo menos duas sessões para finalizar o trabalho com perfeição.

Outra variação mais recente e atual do blackwork é o blackout que consiste em cobrir uma grande parte do corpo com blocos sólidos de tinta preta, essa “parte” geralmente é um membro inteiro, como o braço todo em tinta preta.



Figura 11: Tatuagem blackout. Fonte: google.

O estilo mais difícil e que mais desafia as tatuadoras é o realismo, que basicamente consiste em imprimir na pele o retrato de um rosto, de um animal ou mesmo de um objeto, o que diferencia esse estilo é a noção de profundidade do desenho que proporciona o aspecto realista.

Realismo só faço em papel, mas em pele, é aquela coisa que se uma sombra sair de um lugar você vai deformar todo o rosto, a pessoa já não fica com aquela cara. Então, tem que ter bastante estudo pra trabalhar com realismo. (Cintia do estúdio Coven)



Figura 12: Tatuagem realista. Fonte: google



Figura 13: Tatuagem realista. Fonte: google

A partir da observação da Cintia é possível perceber o quanto é difícil alcançar um realismo, isso porque a tatuagem realista captura não só os traços do rosto, como também a expressão facial, os olhos, o sorriso, o nariz; a região do corpo – se não for bem escolhida – também pode deformar a tatuagem, como exemplo, a costela e a barriga, a qualidade da foto também é importante, se tiver com pouca luz ou desfocada dificulta o trabalho.

Jessy também utiliza amplamente o realismo, durante a entrevista me mostrou algumas fotos e vídeos de alguns de seus trabalhos como: o rosto de uma criança (que era o filho da cliente), o rosto do personagem Edward do filme “Edward, Mãos de Tesoura” – feito em duas sessões: na primeira o rosto e na segunda as tesouras – e os rostos da Amy Winehouse e da Frida Kahlo.

As tatuagens *old school* e *new school* trabalham com cores, todavia, o *old school* têm pouca variação de temas e as cores utilizam poucos tons, geralmente, ficam entre o vermelho, verde, azul e amarelo. Os traços são simples, os contornos pretos em linhas grossas e geralmente os temas são: mulheres nuas, âncoras, caveiras, rosas. O *old school* também é associado ao estilo “marinheiro” porque de início os temas giravam em torno do universo náutico, já que o precursor desse estilo foi o marinheiro norte-americano Norman “Sailor Jerry” Collins que misturou a arte corporal com a marginalidade social dos marinheiros e o misticismo oriental no sudeste asiático.



Figura 14: Tatuagem old school. Fonte: google



Figura 15: Tatuagem new school. Fonte: google.

O diferencial do new school, um dos estilos que Jane utiliza, é a maior variação de temas, numa roupagem mais atual; de cores, trabalhando com tons mais variados e afastando-se do básico *old* e a liberdade dos traços que geralmente são mais finos. À época da entrevista, Jane também estava estudando o woodcut que é a xilogravura, de acordo com Jane, esse estilo consiste em desenhar e sombrear a tattoo com linhas.



Figura 16: Tatuagem em xilogravura. Fonte: google.



Figura 17: Desenho da Jane em xilogravura. Fonte: Jane.

O estilo ornamental são as tatuagens mais delicadas como as mandalas e hennas, esse estilo – junto com o fineline – faz parte do portfólio da Karen. As tattoos ornamentais consistem em linhas finas e utilizam a tinta preta, mistura-se também com os tradicionais tribais e maoris.



Figura 18: Tatuagem da Karen com mandalas. Fonte: Karen.

A *fineline* – também utilizada pela Cintia – é a técnica do traço fino, pontual e simétrico, geralmente as tatuagens são pequenas e contornadas em cor preta (mas também podem ser coloridas) e é largamente utilizada para tatuagens minimalistas, geralmente os desenhos mais comuns são nomes, frases, letras e qualquer outro desenho simplista e delicado.



Figura 19: Tatuagem fineline minimalista. Fonte: google.

Em relação à identidade de seus trabalhos, Karen falou que gosta de trabalhar com *linework* numa *pegada* ocultista, misturando o macabro com a delicadeza de traços ornamentais, ela me mostrou uma de suas tatuagens que é o desenho de um bode com flores.



Figura 20: Tatuagem da Karen. Bode com flores.  
Fonte: Karen

O pontilhismo que eu citei acima, um dos estilos mencionados pela Bia Rocha e Jessy, é a técnica que utiliza diversos pontos para criar uma imagética de movimento, assim o desenho torna-se dinâmico e não estático, pode ser utilizado também como sombreamento, para preencher partes difíceis de ser marcadas como os dedos. Vários estilos utilizam essa técnica, desde os ornamentais mais delicados até o blackwork. Na minha tattoo do corvo, por exemplo, o pontilhismo está ao final das asas proporcionando a elas uma leve noção de movimento.



Figura 21: Tatuagem pontilhismo da Jessy. Fonte: Jessy.

A aquarela, um dos estilos mencionados pela Tahiane, são tatuagens de traço fluido dando o efeito – intencionalmente produzido para que o desenho tenha o efeito de uma tinta aquosa – de delicados borrões. Essa técnica, assim como o blackwork, é de preenchimento e as cores são postas de modo a parecer pinceladas, os traços da aquarela são multiformes e levemente desfocados.



Figura 22: Tatuagem em tons de aquarela da Karen. Fonte: Karen

O estilo neotradicional, o que Tahiane comumente costuma fazer, mistura os tradicionais old school com técnicas de pintura new school, de modo que o *neo* trabalha com os temas típicos do old school (desenho de âncoras, caveiras e tudo que citei mais acima), porém utilizando as técnicas de pintura do new school, ou seja: as cores são ilimitadas, utiliza-se sombreamento, os traços são coloridos, as vezes utiliza-se a noção de profundidade nos desenhos (um pouco da técnica realista), além de utilizar o degradê de cores (onde os tons são sobrepostos). Todavia, diferente do new school, o *neo* respeita as proporções e simetria dos traços.

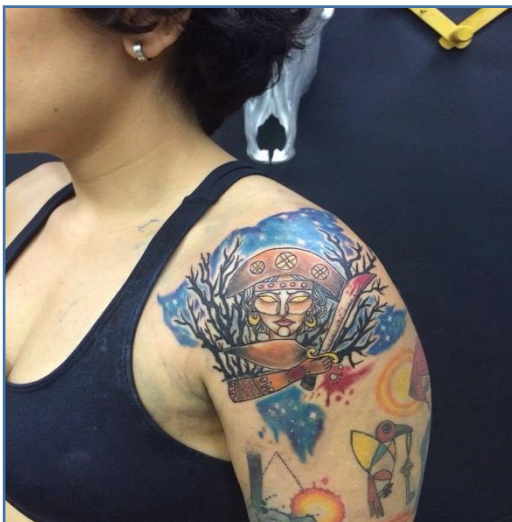


Figura 23: Tatuagem neotradicional da Tahiane. Fonte: Tahiane

Outro estilo de tatuagem é o *freehand*, em tradução literal significa “mão livre”, no qual a tatuadora não utiliza o decalque. Decalque é a cópia do desenho em papel vegetal impresso na pele antes de tatuar, assim, a tatuadora faz a tatuagem por cima dele, no *freehand* tatua-se diretamente a pele, sem auxílio do decalque, deixando o desenho fluir de acordo com a imaginação. Jessy utilizou essa técnica na segunda sessão da tatuagem da minha perna onde ela tatuou uma flor (com inspiração na flor do filme *The Wall* – Pink Floyd) e notas musicais saindo da vitrola, e também na tattoo do Corvo *black* no meu ombro.



Figura 24: Tatuagem freehand, segunda sessão, feita pela Jessy na minha perna. Fonte: Jessy.

A técnica *handpoke* volta às raízes da tattoo, é o método mais antigo de tatuagem pois não utiliza a máquina, é feita apenas com as agulhas e tintas. É considerada uma técnica mais complicada e com um tempo de execução mais extenso.



Figura 25: Tatuagem handpoke feita pela Jane. Fonte: Jane.

O que me chamou atenção especificamente nos trabalhos da Cintia e da Yasmin, tem a ver com a identidade visual delas, ambas representam a figura feminina em suas obras.

Eu faço muito trabalho baseado nas próprias mulheres, essa aqui tem um blackpower, essa aqui é gordinha... eu gosto muito de fazer desenhos parecidas com as clientes, essa daqui botei um cabelão vermelho encaracolado e fiz as tatuagens porque ela é tatuada, essa daqui eu tive que modificar até o seio porque ela falou: “não! Meu seio é assim, um pouco mais caído, faça assim”, aí eu fiz do jeito que ela pediu, os seios assimétricos. Eu gosto muito de trabalhar isso, fazer a tatuagem parecida com elas, com as meninas que vêm tatuar. (Cintia do estúdio Coven)



Figura 26: Tatuagem da Cintia inspirada numa cliente. Fonte: Cintia.

Cintia costuma tatuar e desenhar sereias e essas sereias representam as clientes que se tatuam com ela, durante a entrevista ela me mostrou os desenhos inspirados em várias de suas clientes: sereias negras, gordas, magras, baixinhas, cabelos crespo, liso e vermelho. É fascinante ver o trabalho dela que representa toda a diversidade da beleza feminina misturada com o misticismo das sereias, são várias mulheres representadas em suas obras.



Figura 27: Tatuagem da Cintia inspirada em cliente. Fonte: Cintia.

Yasmin utiliza sua identidade visual, o blackwork, para representar a figura feminina associando-as à bruxaria.

Minha arte geralmente tem disso, eu represento muito a figura feminina e também os meus pezinhos pra'quelas bandas mais ocultistas, da bruxaria, e aí todas as mulheres que eu desenho, que eu represento, eu as vejo como deusas, tanto que normalmente elas têm mais de uma cabeça, mais de um olho, elas são fusionadas com animais, são quase quimeras femininos... Por exemplo, aquela mulher [Mother of Crows] é como se ela e os corvos fossem um só, ela não tem corpo, é só rosto, ela e os corvos são como um bicho de três cabeças e tem outras artes minha também assim. (Yasmin do estúdio Coven)

A obra *Mother of Crows* é uma das prediletas da Yasmin, ela tatuou essa arte na coxa frontal de uma cliente, nessa arte é possível apreender a identidade visual da Yasmin, as mulheres místicas que ela representa em seus desenhos e suas técnicas

blackwork e *hachura* que consiste em criar efeitos de tons e sombras a partir de linhas paralelas.

Yasmin também representa a nudez em suas obras, ela gosta de misturar a naturalidade do corpo feminino nu com o misticismo, associando também à fauna e flora, Yasmin já estudou a religião *wicca* e tem afinidade com a bruxaria, de modo que ela procura levar isso às suas tattoos, como ela mesma falou: “minhas mulheres têm chifres porque no wicca quanto maior o chifre da deusa mais poderosa ela é”.

Além disso, seus trabalhos autorais são todos em preto.

Eu acho que o preto, ele representa e significa muita coisa e ele fala muito por si só, ele é intenso, forte e bonito, ele tem presença, mas isso é uma opinião minha, profissionalmente eu trabalho com cores, sim. Trabalhos comerciais, principalmente, mas nas minhas artes autorais, tipo, de criação, minha identidade visual é preto. Eu acho que o preto, inclusive, é muito mais rico porque pode passar trinta, quarenta anos e ele ainda vai ser forte na sua pele, a cor ela já cicatriza e desbota de uma forma diferente. (Yasmin do estúdio Coven)

Por isso, a forte utilização de blackwork e técnicas de *hachura*, o preto tem um simbolismo muito forte para a Yasmin e remete a seus trabalhos anteriores como ilustradora.

## 2. Mulheres Empoderadas: reflexões teóricas iniciais

“É muito legal fazer a pesquisa sobre isso porque é uma coisa que – querendo ou não – ainda é nova aqui na cidade, ainda tá crescendo, não parou de crescer ainda... a gente ainda tá se construindo e o público ainda tá se moldando a isso, se lapidando a isso, a essa ideia de que mulher tatua. Mulher tatua bem! E pode tatuar tão bem quanto um cara, e até melhor, por que não?” (Yasmin do estúdio Coven Tattoo)

O cenário da tatuagem na cidade de Natal/RN é masculinizado, isso porque, na maioria dos estúdios de tatuagem, vê-se ainda uma quantidade muito maior de tatuadores do que de tatuadoras. Todavia, as mulheres estão revertendo esse quadro e é possível ver uma mudança nessa realidade. As tatuadoras estão surgindo, ocupando seu espaço, enfrentando as adversidades e, em muitos casos, elas estão se empoderando e ajudando outras mulheres a se empoderar. Mas o que seria esse empoderamento? E o que esse termo tem a ver com a história das minhas informantes?

Para responder essas questões é necessário situar e localizar o que é o empoderamento, primeiramente, dentro da perspectiva feminista. Esse termo surgiu da “práxis” para a “teoria” como afirma Cecília Sardenberg (2006), sendo utilizado primeiro no campo prático por ativistas, coletivos e movimentos de base feministas para só depois tornar-se objeto de estudos sendo levado para o campo teórico por autoras como, por exemplo, Srilatha Batliwala (1994) que conceituou o termo numa perspectiva feminista de “poder”.

Para Batliwala (1994) as origens do termo estão na articulação das propostas feministas com os princípios da educação popular e as reflexões de Paulo Freire sobre pedagogias libertadoras (BATLIWALA, 1994; SARDENBERG, 2006). Freire cunhou sua versão do termo a partir de um neologismo da palavra *empowerment* e buscou com isso defender o princípio de que os próprios grupos oprimidos devem empoderar-se; assim, as pensadoras e educadoras feministas, que já tinham no arcabouço teórico as ideias do autor, desenvolveram uma nova abordagem do termo conceituando-o a partir da questão da subordinação das mulheres e a construção social do gênero (SARDENBERG, 2006).

Apesar de haver diferentes conceituações feministas sobre o termo, de um modo geral, todas trazem no cerne da questão a ideia de empoderamento enquanto

um processo de busca por autonomia que implica na libertação das mulheres da opressão de gênero (SARDENBERG, 2006); o empoderamento, nesse caso, é um processo questionador da ordem patriarcal e libertador para aquelas que o buscam.

Para trabalhar essa hipótese, é necessário compreender que o gênero traz categorias de subordinação e subalternidade. O gênero pode ser compreendido enquanto uma construção sociocultural, partindo da perspectiva de Scott (1995), é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. A autora compreende o gênero como “uma das referências recorrentes pelas quais o poder político é concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece” (1995, p. 92), nesse sentido, o gênero é referência de discursos de poder e o gênero feminino assume a posição de subalternidade.

No seu texto *Poder e Projetos: reflexões sobre agência*, Sherry Ortner (2007) reflete sobre a *agência* e o empoderamento dos indivíduos, a autora considera a *agência de poder* como formas de poder disponíveis às sujeitas e aos sujeitos e o empoderamento é diretamente proporcional à essa agência.

Assim, a autora relaciona empoderamento à construção cultural de agência dos indivíduos, pois nesse processo os sujeitos são empoderados uns em detrimento dos outros de acordo com a agência de poder disponível: os dominadores possuem mais agência e estão mais empoderados, já os dominados possuem menos agência, todavia, eles podem se empoderar através das práticas de resistência ao que a autora chama de “jogos sérios” que são os arranjos culturais.

Ortner postula que, apesar das posições desiguais dos agentes sociais nos *jogos sérios*, as relações de poder podem ser transformadas, pois o poder não é unilateral, e essa mudança ocorre à medida que as e os sujeitos se *empoderam* e perseguem projetos individuais ou coletivos, que é o que ela chama de *agência de projetos*.

É desse modo que enxergo minhas informantes se empoderando e construindo seus projetos individuais e coletivos e assim elas – e tantas outras tatuadoras que não apareceram neste trabalho – estão mudando a realidade e o cenário artístico da cidade de Natal.

## 2.1 As bruxas da Coven

“*Coven* é como era denominado as famílias de bruxas, os clãs, eram os *Covens*, que eram hierarquias de magia, *daí* pela nossa afinidade com a proposta de ser um estúdio com pensamento feminista, e a associação entre as mulheres e as bruxas vem desde a época antiga, então acho que foi bem louco, rolou uma energia parecida, *daí* todo mundo pensou a mesma ideia e ficou esse nome”. (Tahiane do estúdio Coven)

Tahiane Macêdo é uma das quatro tatuadoras do estúdio Coven Tattoo, junto com Cintia dos Anjos, Yasmin Lamacchia – e algum tempo depois Joany Karen também se juntou ao projeto – ela fundou, até onde tenho notícia<sup>2</sup>, o primeiro estúdio feminino de tatuagem em Natal/RN, há pouco mais de um ano, com a proposta de ser um estúdio feminista no qual prevalece os conceitos de união e amizade, além de ser um espaço que busca acolher as mulheres.

Este capítulo será dividido em dois momentos: no primeiro, farei um breve apanhado histórico-conceitual sobre a bruxaria e a relação dela com o feminismo para compreender as motivações que levaram as tatuadoras a denominar seu estúdio como um *Coven*. No segundo momento, falarei sobre como surgiu a ideia do projeto, como elas se conheceram e por que decidiram trabalhar juntas.

A vinculação entre a bruxaria e o feminismo permeia grande parte do pensamento feminista, para apreender o conceito que carrega esta nomenclatura escolhida para o estúdio, foi necessário situar o que é a bruxaria na perspectiva feminista e compreender um pouco sobre a *Wicca*, uma religião xamânica baseada em rituais pagãos antigos e que também pode ser chamada de Bruxaria no sentido literal da palavra.

Longe dos estereótipos vilanescos das histórias infantis, contos de fadas e contos de horror, as bruxas não são apenas o clichê retratado no imaginário popular de uma mulher velha, nariguda e manipuladora de “magia negra”; além de ser a denominação dada a praticantes da religião *Wicca*, as bruxas são um elemento histórico da Idade Média.

---

<sup>2</sup> É o primeiro estúdio de tatuagem feminino até onde tenho conhecimento com base na minha pesquisa junto às informantes e outras pessoas do meio.

Na idade medieval, elas surgiram dentro de um contexto no qual a teologia cristã sofria com a instabilidade provocada pela descentralização do poder da Igreja Católica mediante a ascensão do antropocentrismo enquanto doutrina que colocou o ser humano numa posição de centralidade, esse novo sistema filosófico culminou, aos poucos, numa dissociação das artes e da ciência em relação à religião; assim, a Igreja, tendo seu poder enfraquecido, instaurou os “Tribunais da Inquisição” que efetivou o elemento da “caça às Bruxas” (RODRIGUES, 2016).

O tratado em prol da caça às bruxas, o *Malleus maleficarum* (1486), escrito por inquisidores católicos, considerava as mulheres como fracas e inferiores aos homens estando, por conseguinte, mais propensas a ceder aos mandos do “diabo” e por isso serem mais dadas à bruxaria do que os homens. Segundo o artigo de Isabelle Rodrigues (2016), as ideias disseminadas pelo *Malleus* destacavam a relação entre a bruxaria e a sexualidade afirmando que toda bruxaria derivaria da luxúria carnal de mulheres dispostas a deitarem-se com demônios para satisfazer o amor carnal, a figura da bruxa era a de uma mulher ambiciosa, infiel e promíscua.

De acordo com Rodrigues (2016), as mulheres acusadas de bruxaria possuíam uma personalidade considerada conturbada por não aceitarem o papel de submissão e questionarem os preceitos da época. Já no artigo de Rosângela Angelin (2016), ela aponta que as bruxas eram, no geral: praticantes de religiões pagãs, mulheres que compreendiam do uso de plantas medicinais, idosas, mulheres com alguma disformidade física ou psicológica, mulheres com um elevado padrão de beleza e mulheres com qualquer tipo de comportamento considerado herético pelos inquisidores.

Algumas perspectivas feministas apontam que as bruxas não surgiram apenas na sociedade medieval e não permearam espontaneamente o constructo histórico daquela época, elas foram uma categoria social criada pela classe dominante e pela Igreja, a partir de uma campanha de terror, para enquadrar as mulheres dentro de suas doutrinas sociais e religiosas.

Partindo dessa premissa, Angelin (2016) afirma que o feminismo buscou resgatar a imagem das bruxas na história, pontuando que elas foram vítimas do patriarcado medieval. Algumas feministas, inclusive, traçam um paralelo entre as bruxas medievais e as bruxas atuais, apropriando-se do termo – que é comumente

utilizado numa associação pejorativa por opositores do feminismo – para resgatar seu histórico de transgressão.

No tocante à religião, o pouco que pude apreender após algumas investigações na internet – especialmente no site *Wicca Cia das Bruxas*<sup>3</sup> – sobre a Wicca é que ela teria sido influenciada por crenças pré-cristãs, suas práticas envolvem o xamanismo e prega-se a existência de mundos paralelos e a possibilidade de contato com os seres de outros mundos, há também uma conexão com a natureza e a ideia de que pertencemos a ela, além de haver uma forte exaltação da figura feminina, pois a mulher representa a personificação da Mãe Natureza. Na Wicca, o Coven é composto por membros que realizam ritos de culto e celebração de festividades (chamados de Sabás e Esbás), iniciações, ritos de passagem (batizados e casamentos) e ritos de cura da Terra.

Yasmin possui uma afinidade com a religião Wicca, além de já tê-la estudado profundamente, ela leva muito dessa crença para suas artes<sup>4</sup>. Das outras tatuadoras, Karen também apontou uma afinidade com o ocultismo – não propriamente fez uma menção à Wicca – em seus trabalhos. Todas elas revelaram, individualmente, uma afinidade com o feminismo e construíram uma proposta de estúdio politicamente compromissado com essa causa, por isso, não se pode falar da Coven sem mencionar esse aspecto que o torna único e precursor.

Quando questionada sobre como surgiu a ideia da Coven, Tahiane respondeu:

Eu já conhecia a Cintia e tava trabalhando com ela há um ano num estúdio misto [o Dos Anjos Tattoo Family], nesse estúdio a gente acabou sentindo que a parceria com as mulheres era mais forte, tanto com as nossas clientes mulheres quanto entre as tatuadoras, então a gente quis criar um espaço que fosse pra gente se sentir bem, pra gente se sentir confortável com o corpo, um espaço de empoderamento. Então, a gente acabou conhecendo a Yasmin, já conhecíamos o trabalho dela como ilustradora, e aí começamos a trabalhar com ela, antes lá no Dos Anjos, mas aí o Family já não tava mais com um sentido porque tinha saído muita gente, então, eu, Cintia e a Yasmin resolvemos abrir esse espaço aqui. A gente tem um ano, basicamente atendendo a mulheres. (Tahiane do estúdio Coven)

---

<sup>3</sup> O que é a Religião Wicca?. Andréa Lopes. s.d. Wicca Cia das bruxas: Estilo de vida, corpo, mente e espírito. Disponível em: < <http://www.wiccaciadasbruxas.com.br/wicca.html>> Acesso em: 15/10/2017.

<sup>4</sup> Como mostrado no capítulo Artes, Técnicas e Estilos.

Puder perceber que, mais do que um projeto de tatuagem, para ela, a Coven é um projeto político idealizado a partir de uma perspectiva feminista. Tahiane trouxe conceitos como empoderamento – dentro do pensamento feminista – e dialogou com questões do feminismo. Percebo que a Coven é como se fosse a *práxis* da Tahiane, a materialização de sua bagagem teórico-conceitual, uma ideia transformada em prática-política na qual se expressa por meio de uma arte engajada e comprometida com o feminismo.

A gente se conheceu numa fila de material de tatuagem na Natal Tattoo, eu fui comprar uma tinta cor de pele pra fazer uma torrada... Aí eu perguntei pro balconista se a tinta ficava boa numa torrada... As pessoas me olharam, né, e falaram assim: “olha, não é comestível”, aí eu fiz: “não, ó, na verdade, eu vou realmente fazer uma torrada, o desenho de uma torrada”. Aí Tahiane riu, a gente acabou trocando contatos naquele momento e depois ela veio me perguntar sobre montar um estúdio, aí eu falei que já tinha um [o Dos Anjos Tattoo] e que ela poderia ir trabalhar comigo, aí ela foi, e taí, tamo até hoje. (Cintia do estúdio Coven)

Quando Cintia começou a contar a história da torrada, por um momento, minha reação foi semelhante à do balconista, rimos bastante da história, mas depois ela explicou que a tatuagem era, realmente, o desenho de um café-da-manhã de mãos dadas. Cintia também comentou sobre sua preferência por trabalhar com mulheres e foi enfática ao afirmar que, pessoalmente e em conjunto com as outras meninas, elas procuram combater todos os tipos de preconceitos e opressões.

Ela também falou que gosta de fazer tatuagens que tenham um significado de modo a ajudar as clientes a desconstruir concepções embasadas em um “corpo padrão” e desmistificar noções pré-estabelecidas que demonizam os corpos femininos que não se encaixam nessa estética padrão de “beleza”. Ela me mostrou o desenho de uma sereia gorda que tatuou no braço de uma cliente com pele flácida e muitas de suas artes procuram demonstrar isso: a mulher a olho nu, sem as deturpações e mutilações de uma indústria da beleza que destrói a autoestima feminina.

Yasmin foi a responsável por projetar o espaço físico da Coven Tattoo, foi ela quem encontrou a sala que, segundo ela, antes era: “como se fosse um ateliê de

roupas e eu achava lindo! Antes não tinha essa divisão [entre a sala de entrada e de tatuagem] e tinha um monte daqueles negócios de pendurar roupa que tá na moda”.

Aí o que acontecia, eu já conhecia esse prédio aqui porque minha mãe tem um consultório de psicanálise aqui do lado, então, eu vivia aqui nesse prédio [...] Quando o cara dessa sala saiu, aí eu pensei: “quero meu estúdio nessa sala!”. E aí quando a Tahiane me mandou mensagem dizendo que queria conversar comigo, eu aproveitei a deixa e fiz: “olha, tava pensando em arranjar um lugar pra tatuar, numseiquê”, aí elas me chamaram pra ir pro Dos Anjos, e eu fiquei lá por um tempo, mas lá era muito pequeno, não era um lugar que a gente poderia atender ao público que a gente atende agora, aí eu joguei a ideia da gente vir pra cá, elas aceitaram e aí abrimos uma sociedade juntas. (Yasmin do estúdio Coven)

Yasmin “paquerava” com a sala há tempos e devido à familiaridade com o ambiente, porque sua mãe trabalhava no prédio, o espaço proporcionou uma maior segurança para ela e as outras tatuadoras. Ela aponta uma maior liberdade para trabalhar além do horário comercial por ser um local bastante movimentado e porque Yasmin já conhecia previamente os rapazes do Lava-jato, do Posto e da Conveniência, os estabelecimentos laterais ao estúdio.

Eu morava antes com a Tahiane, a gente dividia apartamento juntas, aí foi logo quando elas abriram, elas me chamaram, aí eu não tava muito na *vibe* de estúdio, de tatuar como coisa profissional mesmo, eu gostava de fazer mais em casa, aquela coisa sem muita pressão. Aí depois eu falei com a Tahiane, tipo: “e aí ainda rola eu aparecer por lá?”, aí deu certo, tô há uns oito meses aqui. (Karen do estúdio Coven)

Karen foi a última a entrar no projeto, por enquanto, elas são as quatro tatuadoras oficiais do estúdio<sup>5</sup>, tendo algumas e alguns aprendizes passado por lá. Tahiane aparece como um elo de ligação entre elas, quem uniu as quatro bruxas e a partir dessa união nasceu o clã, uma Coven.

---

<sup>5</sup> Na época da pesquisa de campo e da escrita deste capítulo, Yasmin ainda trabalhava no estúdio. Atualmente, são três tatuadoras oficiais na Coven: Karen, Tahiane e Cintia.

## 2.2 Experiências, desafios e assédio

As principais adversidades que minhas informantes tiveram de enfrentar em sua trajetória como tatuadoras, diz respeito ao ingresso no próprio meio que, de acordo com alguns relatos, é restrito a grupos dominantes na cena, já outros relatos destacaram que as dificuldades se tornam ainda maiores quando se é uma mulher querendo ingressar.

Na verdade, é difícil pra uma mulher ingressar, assim como é difícil pra um homem, porque é um meio, uma área, muito fechada, tanto pra mulher quanto pra o homem porque a galera é muito egoísta na questão de dividir conhecimento, porque, não só em relação a dinheiro, também tem isso de fama e tals, ficar conhecido, é um pessoal muito egoísta, dificilmente ensina, é difícil tanto pra homem quanto pra mulher. (Jessy do estúdio Tattoo 84)

Jessy traz a questão de ser um circuito recluso com profissionais que, muitas vezes, se negam a dividir conhecimento e não dão espaço a novos artistas, atitude esta que costuma vir de tatuadores mais famosos, de grandes estúdios, como reiterou também Yasmin.

Então, eu fui privilegiada porque os amigos que eu tinha pensavam da mesma forma que eu, que esse negócio de ficar detendo conhecimento, ou de talvez dar um conselho pra te prejudicar, eles não concordam com isso, então eu fui privilegiada porque as pessoas que botaram a máquina na minha mão, eram pessoas humildes e que o ego não falava mais alto. Mas a maioria dos tatuadores aqui em Natal, principalmente os mais antigos, não pensam dessa forma, então, assim, é bem barra e como eles – querendo ou não – ainda predominam, ainda tão em maioria, mesmo tendo muita tatuadora por aí, é bem complicado porque o público, no geral, tá acostumado com tatuador, não tatuadora. (Yasmin do estúdio Coven)

O individualismo aparece nas atitudes de tatuadores mais famosos e não há uma perspectiva de coletividade. Talvez essa questão possa ser explicada pelo próprio medo desses profissionais de terem sua arte “superada” por outros mais jovens, em partes, acredito que o individualismo é uma doutrina moral que perpassa

por diversas esferas sociais e quando se tem um ramo, como a tatuagem, no qual se trabalha com o público, numa cidade relativamente pequena como Natal, o circuito fecha-se ainda mais em pequenos conglomerados.

A outra questão que muitas apontaram foi em relação ao descrédito e à desvalorização de seu trabalho num pré-julgamento embasado em perspectivas machistas.

Olha, em relação a mim, muitas vezes, quando a gente [Tahiane e Cintia] tatuava no Dos Anjos ali em Nova Descoberta, era um estúdio de porta, então, entrava gente aleatória, sempre acontecia de entrar alguém e olhar pra mim, ou pra Cintia, e dizer: “quero falar com o tatuador”, esse é um clássico... ou então: “é você mesmo que tatua?” – quase desdenhando – ou pior: “você se garante mesmo?”, e a pessoa sabe que se fosse um homem, ele não estaria fazendo aquela pergunta. (Tahiane do estúdio Coven)

O Coven não é um estúdio “de porta”, porque, como já foi explicado<sup>6</sup> não tem um acesso diretamente à rua, por isso Tahiane cita no início da entrevista que a maioria dos atendimentos são pela internet, conseqüentemente, o Coven acaba tendo uma clientela mais seletiva, as pessoas o procuram cientes de que aquele é um estúdio onde mulheres tatuam, algo que não acontecia no estúdio Dos Anjos.

Quando eu comecei a tatuar, eu tatuava no estúdio do meu ex, aí um dia eu tava tatuando, tava aprendendo ainda, aí um cara chegou assim e me viu, aí ele pensou que eu fosse a tatuadora oficial do estúdio, aí depois ele viu meu namorado e fez: “nossa! Ufa!”... Tipo: “ainda bem! Pensei que ela que ia me tatuar”. Aí foi bem estranho. (Karen do estúdio Coven)

Essa postura, às vezes, é compartilhada tanto por clientes quanto por tatuadores.

Eu tava trabalhando num estúdio, aí o que aconteceu, o cara tinha me chamado e disse que era pra eu tatuar, só que aí ele não tava me passando trabalho, saca? Eu tava ficando só na arrumação dos materiais, sendo que ele tinha me chamado pra tatuar. Aí, certa vez apareceu um cliente

---

<sup>6</sup> No capítulo Descrição e Ambientação dos estúdios e homestudios visitados.

que foi lá e eu que atendi e ia tatuar o rapaz, mas aí ele não deixou e passou pra outro tatuador, um cara. Eu fiquei bem triste. (Jane Gomes, homestudio)

Percebe-se a assimetria no modo como Jane foi tratada em relação aos outros tatuadores do estúdio, a atitude do tatuador de não permitir que ela tatuasse o cliente revela os significados culturais que perpassam as categorias de gênero. Quando ela fala que o tatuador passou o cliente para “um cara”, ela ressalta que dentro daquele contexto – no qual ela era a única que estava inserida dentro da categoria de gênero feminino – ela foi relegada a uma posição de subalternidade referente ao significante cultural do seu gênero, sendo impedida de tatuar. Mesmo tendo os instrumentos e a técnica para isso, ela assumiu uma posição de “atendente” no estúdio.

Todavia, não são só os homens que reproduzem essas atitudes discriminatórias.

É bem triste, inclusive, porque esse tipo de pensamento vem de mulheres, às vezes, tem mulheres que acham que talvez um homem tatue melhor do que uma mulher e que se um homem der um orçamento, sei lá, de 1500\$ ela não vai questionar, mas se eu der um orçamento de 1500\$... sempre rola uma pechincha bem maior. É complicado porque o ramo de tatuagem era basicamente masculino, você ia no Centro, tudo que é bairro aqui de Natal, só via homem dentro do estúdio de tatuagem, eu acho que – na época que eu comecei a me tornar consumidora – só tinha uma mulher tatuando aqui em Natal, uma mulher no meio de mais de cem caras... isso é barra... e agora que tá começando a surgir várias tatuadoras. (Yasmin do estúdio Coven)

O orçamento não se refere apenas à questão do dinheiro, é – para além disso – a valorização do trabalho da artista, não só pelo preço dos materiais que elas usam, como também pela técnica delas e a arte envolvida no procedimento. Quando Yasmin aponta que um valor dado por um tatuador não costuma ser questionado, mas o valor dela sim, essa atitude representa um descrédito, como se o seu trabalho não fosse levado a sério.

Eu acho que eu não sofri dificuldades reais, nem no grafite, porque eu comecei a pintar com um cara – que era meu companheiro – e a tatuar a gente começou juntos também. Mas sempre tem um negocinho assim, de tipo, cliente chega aqui, aí não é a mulher que é a tatuadora, é o cara e ele

se dirige ao cara porque é o cara que vai ser o tatuador, a mulher não vai ser a tatuadora, a mulher vai ser mais assim, a atendente. No grafite, a gente se encontra com as galeras na quebrada aí tipo, o cara fala com o cara, não fala com a mulher. Mas assim, nunca aconteceu nada comigo por isso, só umas coisinhas que são meio veladas e que você percebe porque você tá na pele. (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

É interessante analisar os recortes que Bia faz, por exemplo, ela afirma não ter enfrentado tantas dificuldades – tanto no ramo da tatuagem como no do grafite – por ter ingressado em ambos com um homem, nas afirmações dela em relação ao grafite e à arte de rua, os homens são mais respeitados do que as mulheres e na tatuagem o trabalho deles é mais reconhecido do que o delas.

Outra questão recorrente diz respeito ao assédio, houve alguns relatos pessoais, que não me cabe publicizar para preservar as informantes, contando sobre assédio de cliente homem à tatuadora, e casos onde tatuadores assediaram clientes mulheres, além de comentários preconceituosos de um tatuador famoso na cidade.

Teve uma situação onde um tatuador local, famoso na cidade, ofendia as mulheres gordas, o tatuador em questão fez comentários de cunho preconceituoso e agressivo ofendendo as mulheres gordas numa postagem do facebook, ele dizia que: “pelanca não serve nem pra dar tchau, quanto mais pra tatuar”. Isso gerou toda uma repercussão, a galera ficou muito revoltada e a gente acabou fazendo rodas de conversa aqui pra ver como a gente ia combater isso. (Cintia do estúdio Coven)

Quando aconteceu essa situação, na qual o tatuador expressou essa afirmação gordofóbica – que é o termo politicamente utilizado para se referir à discriminação estruturada no contexto de discriminação e estigmatização das pessoas gordas – as tatuadoras da Coven Tattoo compraram essa briga e colocaram-se contra a atitude do tatuador.

Sobre a questão do assédio, em certos casos, ele também pode acontecer de uma forma inesperada:

Já aconteceu de uma menina que me beijou no meio da sessão de tatuagem. Eu tive de sair, respirar, sabe? Aí depois eu falei: “olha, calma! A gente precisa fazer uma tattoo, vai ficar feia a tatuagem. Vamos nos concentrar nisso aqui, depois a gente conversa”. Mas assim, ela marcou a

tatuagem e tudo, ela não veio atrás da tattoo só por causa disso e ela foi bem profissional... até a hora do beijo. No outro dia ela pediu desculpas, a gente conversou, marcou outras tatuagens, hoje em dia somos amigas. (Cintia do estúdio Coven)

Apesar da Cintia ter relatado o caso de uma forma descontraída e de ter aceito as desculpas e encarado a situação com leveza, ainda assim, a atitude da cliente foi um assédio, ela a beijou, sem consentimento, durante um procedimento profissional. O que leva à constatação de que o assédio – quando ocorre pela parte feminina – é encarado de uma forma mais condescendente, em partes, por ser algo totalmente inesperado vindo de uma mulher, a própria pessoa assediada não consegue vincular aquela atitude a um assédio propriamente e, por isso, haveria uma maior condescendência. Dentro do nosso contexto social, o assédio comumente é associado à masculinidade, aos homens, no geral, cabe a atitude de assediar uma mulher; dificilmente imagina-se que a própria mulher possa reproduzir atitudes semelhantes.

Um dos motivos pelos quais as tatuadoras da Coven optaram por abrir um estúdio feminino, foi justamente por saber de tantos casos de assédio que ocorriam de tatuadores às clientes mulheres.

Eu acho que como na vida, nos estúdios de tatuagem, a postura inconsciente, ou conscientemente machista, dos caras sempre vão incomodar alguém de alguma maneira. Seja da mulher que não faz porque o marido não quer que outro homem toque o corpo dela, ou da própria mulher que não quer que um homem toque o corpo dela, então, há várias situações que podem ser constrangedoras, desde a timidez até o mais extremo que é o assédio, a passada de mão [...] você se aproveitar da vulnerabilidade de uma pessoa deitada numa maca na sua frente, aquela pessoa está vulnerável, ela tá confiando o corpo dela a você. (Tahiane do estúdio Coven)

Tahiane relatou também que muitas mulheres aparecem para se tatuar no estúdio porque o marido não permite que outro homem toque ou manuseie o corpo da esposa, como o Coven só tem tatuadoras, o marido sente confiança suficiente para dar essa suposta permissão. Acontece de clientes mulheres procurarem a Coven por esse motivo, nesse caso, o corpo feminino deixa de ser o espaço de individualidade

para tornar-se a posse de outrem e a mulher concede essa possessão, ela necessita da autorização masculina, do marido.

Acontecem também casos – como Maria Clara e Tahiane relataram – da tatuagem tornar-se pretexto para uma atitude considerada invasiva dentro da sociabilidade cotidiana.

A grande m\*\*\*\* é que todo macho que quer puxar conversa com você na rua, ele acha algum pretexto nas suas tatuagens e aí vem: “ai, porque numseiquê”, aí se sente no direito, se sente com autorização de tocar no seu corpo, tá ligado? Tipo: “ai que bonito, ai numseiquê”. Sabe quando você tá, tipo, “não tô a fim de conversa”, aí o cara vem puxar papo... Ele vê sua tatuagem e acha que é um pretexto pra tocar, pra ficar dando em cima, puxando assunto, mesmo quando não tô claramente querendo assunto. (Maria Clara, cliente da Coven)

A questão é a *invasão* ao corpo: o toque – quando não consentido – é percebido como invasivo. Dentro da percepção das informantes, o corpo aparece como um espaço pessoal e intransponível.

Aconteceu comigo já, do cara chegar: “ai que bonito”, passando a mão no meu braço, um senhor com seus sessenta anos, aí eu fechei a cara e falei: “é bonito, mas não é pra tocar”, aí ele ficou todo errado. (Tahiane do estúdio Coven)

Dentro do nosso constructo sociocultural, considerando as perspectivas das interlocutoras, o corpo feminino é tido como espaço público, a *posse* ao próprio corpo é negada constantemente e, por isso, acontecem posturas como essas de homens que “se sentem no direito de invadir”, seja com o toque não-consentido ou com palavras consideradas invasivas. Para Tahiane e Maria Clara, a resistência é diária para resgatar a propriedade sobre si.

### **2.3 Perfil do público**

Quando comecei a pesquisa de campo, tinha uma ideia pré-concebida de que encontraria um público majoritariamente feminino e jovem. Feminino porque, por estar pesquisando tatuadoras, acreditei que o gênero fosse um fator determinante para o

público, ou seja, uma tatuadora atrairia mais mulheres; e jovem porque acreditei que pessoas jovens, em sua maioria, eram as consumidoras de tatuagem. Em alguns casos, com algumas informantes, esse público ainda é predominante, todavia, no geral, o público delas costuma ser bastante diversificado.

No caso da Jane aparece uma predominância do público feminino e LGBT.

Geralmente são pessoas mais conhecidas, conhecidas de amigos, conhecidos de amigos de amigos, saca? Mais esse ciclo. Numa faixa etária jovem. Já tatuei bastante gente, é bem misto, homens e mulheres, mas geralmente são mais mulheres e muitas pessoas LGBT's. (Jane Gomes do homestudio)

Acredito que o fato de ser um *homestudio* é determinante nessa questão do ciclo de pessoas conhecidas e amigas, pois, como Jane aponta<sup>7</sup>, o homestudio não costuma ser tratado com seriedade, de modo que é difícil ramificar e atingir novos públicos. Para tomar-se conhecimento da/o profissional, é necessário um investimento em autopropaganda e marketing com o intuito de projetar seu trabalho e seu local de trabalho, além do mais, é difícil receber qualquer pessoa em casa, pois o lar pertence à esfera do privado.

Há muitos fatores que delineiam a questão do público feminino, já discuti<sup>8</sup> a questão do assédio de tatuadores a clientes mulheres e sobre mulheres que optam por tatuadoras por imposição do marido, mas, para além dessas motivações, há a questão da segurança que uma mulher proporciona à outra.

É mais interativo, né? É muito estranho você tatuar com um homem porque ele não conversa, ele não lhe conhece. Eu fiz essa primeira tatuagem com um tatuador e eu não consegui conversar, não consegui entender como ele é como artista. Aqui [na Coven] é um lugar interativo, eu consigo conversar, elas conseguem me entender, eu posso me expressar, é bom pra gente se sentir bem, conversar, relaxar e esquecer da dor. (Gabriela, cliente da Coven)

A interação entre mulheres, comumente, costuma ser mais aberta e comunicativa, como Gabriela expressou, além do mais, as mulheres costumam ser

---

<sup>7</sup> No capítulo Descrição e Ambientação dos estúdios e homestudios visitados.

<sup>8</sup> No capítulo Experiências, desafios e assédio.

mais receptivas. É óbvio que sempre há as devidas exceções, conheço tatuadores maravilhosos, simpáticos, comunicativos, além de ótimos artistas, porém – de um modo geral – especialmente quando se está em um estúdio masculino (onde todos os tatuadores são homens) há uma sensação de deslocamento, pois a linguagem deles e toda a estética do ambiente reflete uma masculinidade exacerbada e, comumente sabemos: é na masculinidade, enquanto categoria social, que subsiste a opressão estruturante.

A questão do público majoritariamente LGBT também se dá por meio de uma identificação subjetiva desse público com as mulheres. Jane, por exemplo, também é LGBT e essa categoria de sexualidade aproxima-se, em certa medida, da categoria de gênero feminino no que tange o contexto de subalternidade na qual ambas estão inseridas, o fato da Jane ser uma mulher bissexual proporciona uma dupla sensação de receptividade e segurança a esse público que enxerga nela alguém com quem se identificar.

O Coven Tattoo também tem uma predominância de mulheres e LGBT's e acredito que isso se deve aos mesmos motivos citados acima e também apontados pela Gabriela.

O público é, em maioria, LGBT. A gente tem muito público, tipo, lésbicas. Mas não tem isso não de gênero, teve até um garoto que veio acompanhando uma mina e perguntou: “você tatuam homem também? Porque é um estúdio só de meninas...” aí eu fiz: “A gente é um estúdio só de meninas, somos só tatuadoras, mas a gente tatua homem também. É um estúdio só de meninas, não é só para meninas”. (Yasmin do estúdio Coven)

É mais fácil, por exemplo, para um rapaz gay, especialmente se esse rapaz tiver traços de feminilidade em sua estética, interagir com mulheres, é um ambiente que vai proporcionar a ele uma maior segurança, onde, dificilmente, ele receberá críticas, xingamentos ou piadas de cunho homofóbico. Yasmin também falou que muitas pessoas transexuais procuram o estúdio, ela comentou que já tatuou um amigo trans e que comumente esse público costuma procurar a Coven.

Yasmin também comentou sobre a diferença entre seus dois públicos, o de agora e o precedente à tatuagem.

É bem diferente o público de quando eu era ilustradora com o público de agora. Antes meus clientes eram mais coletivos, bandas, e o meio dessa galera é o meio da música, um meio mais alternativo, aqui eu não trabalho só com esse público, eu trabalho com pessoas que tão na rua e aparecem aqui, tatuo os frentistas aqui do posto, então, qualquer público é bem-vindo pra tatuar. (Yasmin do estúdio Coven)

A diferença entre os dois públicos da Yasmin é que, enquanto era ilustradora, seu público era mais seletivo, ela tinha uma demanda de pessoas e grupos pertencentes ao mesmo ciclo social, já enquanto tatuadora ela atende a uma diversidade muito maior de pessoas o que significa também uma demanda maior da clientela.

Jessy e Bia Rocha foram as únicas informantes que não especificaram seus públicos, a clientela é mais diversificada, sem muitos recortes de gênero ou sexualidade. O único recorte que Bia fez foi de idade, ela apontou que costuma receber pessoas mais jovens, o que – no primeiro momento – embasou minha tese da jovialidade do público, porém, essa ideia foi desmistificada após meu encontro com as tatuadoras da Coven, muitas delas costumam receber, no estúdio, pessoas de diferentes faixas etárias, inclusive pertencentes à faixa da terceira-idade.

Tahiane contou que já tatuou muitas senhoras, inclusive, sua própria sogra sobre a qual ela falava com bastante empolgação, representando a sogra enquanto uma mulher de “mentalidade jovem”: ela vai à praia, faz academia, gosta de se bronzear; todos os aspectos relacionados culturalmente, na nossa sociedade contemporânea, à juventude.

Então, eu noto que essas vontades não surgem depois dos 40/60, talvez elas já estivessem ali, mas são vários outros fatores que geram o fazer ou o não-fazer, até mesmo a dominação do próprio corpo feminino. A gente nota que as mulheres eram muito mais oprimidas no sentido de que ter tatuagem era algo muito grave para uma “mulher de família” – aspas – e a gente nota que isso tá mudando. A Cintia tatuou uma senhora de 62 anos, eu tatuei também uma mulher que veio fazer a primeira tatuagem depois dos 50, a minha sogra também veio fazer a primeira tatuagem depois dos 50 e ela fez uma tremenda tatuagem na barriga [...] ela ama tatuagens, é uma pessoa que se sente bem com as tatuagens, ela ama ir pra academia e ficar mostrando a tatuagem que tem na panturrilha. (Tahiane do estúdio Coven)

Em seu artigo *Tatuagem e Autonomia: reflexões sobre a juventude*, Andréa Osório (2006) traz uma reflexão sobre o público juvenil consumidor de tatuagem, ela constata, a partir de uma observação em campo, que – embora a tatuagem ainda seja predominante no público de faixa etária jovem – há outras faixas etárias não-jovens tornando-se expressivas. Seu campo de pesquisa foram dois estúdios na cidade do Rio de Janeiro, além de uma revisão bibliográfica que apontou uma acentuada expressividade do público não-jovem.

Não posso afirmar que essa opressão, sobre a qual Tahiane discute, caberia a todas as mulheres da terceira-idade, pois seria uma generalização perigosa que talvez se aplique a mulheres de certas classes sociais em Natal, mas não teria como sustentar essa hipótese. As pessoas que viveram a juventude nos anos 60 e 70 foram as que viveram a liberação sexual, a adoção da pílula anticoncepcional, os experimentos psicodélicos e afins, sobretudo nas classes médias urbanas, mas não exclusivamente. O clima repressivo que vivemos hoje, não só na cidade, mas em todo país e mesmo no mundo, é histórico e sucedeu a um período de intensa liberação sexual e de comportamentos, que foram vivenciados, justamente, pelas pessoas categorizadas como da terceira-idade.

### **3. O que uma pele fala?**

A pele é a camada mais profunda do nosso corpo e também a mais visível, a pele carrega discursos, narrativas, dores, opressões e privilégios. A tatuagem é uma marcação corporal que leva as sujeitas e os sujeitos a transgredirem sua corporalidade, são marcas eternamente gravadas na pele e elas produzem uma narrativa e uma nova linguagem com significados implícitos e explícitos expostos aos diversos olhares que buscam – ou não – sentidos, por vezes limitam-se a admirar aquela nova veste ou tentam interpretar qual idioma está sendo falado através das tintas e traços impressos pelas agulhas.

A tatuagem é uma prática social que está sendo cada vez mais aderida por diversas pessoas, não se limitando mais a um grupo específico. Todavia, não há como negar que estereótipos negativos e excludentes ainda permanecem presentes e o preconceito em relação à prática ainda é uma realidade. Neste capítulo, pretendo abordar a tatuagem enquanto uma instância de manifestação discursiva (VILHENA,

ROSA e NOVAES, 2015) um discurso que se materializa no corpo através de práticas de linguagem corporal. Pretendo esmiuçar os diversos significantes contidos nas narrativas e interpretar a dinâmica de emoções envolvidas no ritual.

Para isso, farei uma análise interpretativa dos discursos que essas tatuagens carregam e uma análise das narrativas de tatuadoras e tatuadas a partir de suas experiências com suas próprias tatuagens. Todavia, não pretendo dar uma resposta definitiva, o corpo será compreendido como um livro literário, poemas carregados de múltiplos significados. Cada pessoa tatuada carrega consigo uma poesia escrita numa tela perambulante, os sentidos nem sempre são óbvios e nem sempre agradáveis aos olhares de outros.

### **3.1 Vergonha, dor e cicatriz**

A tatuagem é um ritual imbuído de valor simbólico para as duas pessoas (tatuadas e tatuadoras) participantes do processo, esse ritual envolve a dor física da consagração e um longo processo de cicatrização, o resultado disso é uma marcação que irá transformar a visão que a própria pessoa tem de si e que os outros tem dela e irá mudar a forma como ela se relaciona consigo, toda essa dinâmica envolve emoções conflitantes que se transformam com a tatuagem.

Para compreender essas emoções, utilizarei a proposta teórica das autoras Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod que pude encontrar na obra *Antropologia das Emoções*, de Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010). Essa perspectiva é o contextualismo que considera as emoções não apenas como um construto histórico-cultural – das perspectivas historicista e relativista – mas também algo que só existe em contexto.

O historicismo e o relativismo consideram a construção cultural das emoções que seriam, respectivamente, fenômenos históricos e socialmente circunscritos (2010), porém o contextualismo vai além e fala de uma “micropolítica das emoções” no sentido que elas alteram as macrorrelações sociais. Assim, as emoções são perpassadas por estruturas hierárquicas e concepções morais e é a partir das relações interpessoais que as emoções emergem na experiência emocional individual.

Em muitas narrativas apareceram relações de oposição, a tatuagem modificou a perspectiva precedente que a pessoa fez de si e mudou a forma como ela passou a se relacionar consigo.

Quando eu era mais nova eu tive um relacionamento abusivo e esse cara ele me colocava muito pra baixo, e eu era muito magra antes só que aí eu tive alguns problemas de saúde e engordei, e nunca voltei pro peso que eu era, e aí eu fiquei muito complexada por causa disso, quase entrei em depressão. Eu não usava blusas de manga curta porque eu tinha vergonha dos meus braços, porque eles engordaram e eram gordos, grandes [...] aí, eu sempre gostei de tatuagem, aí eu cheguei e disse assim pra mim: “não vou ter mais vergonha dos meus braços! Vou tatuar meu braço e não vai mais ter pra quê eu esconder meu braço se ele vai estar com uma arte maravilhosa”, hoje em dia eu só uso regata. (Yasmin do estúdio Coven)

A relação de oposição que aparece nesse relato é entre vergonha e beleza, a vergonha revela uma narrativa marcada pela rejeição ao corpo, essa rejeição foi causada por uma série de experiências negativas: primeiro na relação abusiva com o namorado que a “colocava para baixo”, ou seja, minava sua autoestima e diminuía a perspectiva que ela tinha de si, fazendo Yasmin negar a imagem que refletia no espelho e recusar partes naturais do seu corpo. Depois a relação abusiva que teve com si própria, decorrente dos abusos que sofreu, a repulsa que sentia de si era direcionada aos braços, eles a lembravam do sofrimento que seu corpo passou no processo de adoecimento da sua mente.

A tatuagem mudou a relação da Yasmin com seus braços e mudou a forma como ela passou a se relacionar com ela mesma. A beleza não se refere apenas à tatuagem, o braço tornou-se belo como um todo, a tatuagem e o braço estão intrínsecos, são um só elemento. Tatuar o braço também foi uma escolha de superação, a tatuagem aparece como autoafirmação, ela optou por não mais negar seu corpo e, nesse ponto, entra também a questão do amor próprio, a partir disso, cresceu nela os sentimentos de dignidade e respeito consigo.

Uma das tatuagens que ela possui no braço é o desenho de uma das mulheres representadas nos quadros de Alphonse Mucha, um pintor de *Art Nouveau*, que é um dos pintores prediletos da Yasmin.

Então, eu acho que a tatuagem ajuda na nossa autoestima. Teve uma cliente que ela tem nanismo e ela tem uma cicatriz enorme que vai, quase do início da virilha até quase o joelho, e ela tinha vergonha disso e aí eu fiz uma tattoo nela pra cobrir essa cicatriz e melhorou a autoestima dela, tipo, mil

vezes. Teve uma outra cliente que tinha várias cicatrizes no braço por cortes, de tentativas de suicídio, e eu cobri esses cortes, hoje em dia ela não tem mais vergonha de mostrar [...] no caso dessa cliente, ela olhava pro braço e lembrava das tentativas de suicídio e agora ela ressignificou aquilo, ela olha pro braço e vê uma arte. (Yasmin do estúdio Coven)

A cicatriz é uma marca que, muitas vezes, provoca dor e vergonha. A vergonha, por ter algo considerado esteticamente feio, abala a autoestima, principalmente, quando a cicatriz está numa parte do corpo muito visível. A dor aqui é subjetiva, causada pela recordação de experiências ruins, essa lembrança é uma reação emotiva e está associada ao contexto de interação que a produziu (REZENDE e COELHO, 2010).

De acordo com Rezende e Coelho (2010) nenhum sentimento é sentido independente das interações sociais, no caso da cliente com marcas de tentativas de suicídio, provavelmente o suicídio está associado à depressão, que é um adoecimento psíquico, essa doença pode ser desencadeada por vários fatores e todos eles perpassam o social, já no caso da cliente com nanismo, ela traz marcadores sociais provenientes de uma disfunção física que provocam a rejeição social. Nos dois casos, as cicatrizes provocam emoções carregadas por significados sociais de vergonha e rejeição, a tatuagem – ao cobrir as cicatrizes – apaga a dor que as clientes carregam no corpo e muda a perspectiva pessoal de si, alterando também suas interações interpessoais.

Quando a Fernanda\* apontou uma situação de vergonha que passou com a tatuagem *under boobs*<sup>9</sup>, ela relatou a humilhação que sofreu numa reunião familiar. Quando narrou a situação – da sua avó vendo a tatuagem abaixo dos seios e questionando se era uma “tatuagem de puta” – ela afirmou que foi algo totalmente inesperado e vexatório, ela não estava preparada para ser questionada daquela maneira agressiva e sentiu-se acuada ao ponto de não conseguir dar uma resposta.

A humilhação suscitou o desprezo da avó pelas tatuagens, ela – que já tinha ideias preconceituosas – cunhou uma nova categoria para inferiorizar a neta. A “tatuagem de puta” se refere ao local onde a tattoo foi feita, os seios são a parte do corpo feminino mais sexualizada pela moral conservadora da sociedade, sendo motivo de pudor para muitas, é uma região do corpo que deve estar sempre

---

<sup>9</sup> No capítulo Consumidoras, tatuadas e tatuadoras.

escondida, em oposição aos homens que podem andar livremente com o peitoral à mostra, as mulheres precisam esconder seus seios, pois – dentro dessa moralidade social – mostra-los é uma afronta moral e um atentado ao pudor.

Quando uma mulher transgride normas sociais que castram sua livre expressão de ser ou inibem seu modo de viver sexualmente, ela é considerada uma “puta” que é um termo pejorativo utilizado para se referir à uma mulher libertina e às prostitutas. Esse termo carrega um significante sociocultural difamatório e, para muitas mulheres, ele pesa de uma forma extremamente negativa e insultuosa.

Ao fazer uma tatuagem abaixo dos seios – assim como a tatuagem na altura do cóccix – ela está adornando uma região sexualizada de seu corpo e ressaltando essa sensualidade o que é uma atitude negativa aos olhos da avó que vivencia seu corpo com o pudor da moralidade retrógrada. Todos esses fatores, aliados ao preconceito precedente com a prática de tatuar, revelaram um desprezo, relacionado às ideias de fisicalidade e sexualidade, de uma avó que considerou, naquele momento, a neta como uma libertina, ou seja, ela não estava em acordo com seus costumes, valores e normas.

O desprezo e a humilhação também revelam outra nuance: as relações hierárquicas que surgem no seio familiar. A família é uma instituição social que se fundamenta a partir de noções de hierarquia, no topo dessa hierarquia está o homem (seja um pai ou um avô) e depois as mulheres mais velhas da família (mães ou avós), essas pessoas mais velhas têm como função doutrinar costumes às pessoas mais novas (filhas e netas) que devem segui-los, pois, transgredir as normas familiares é considerado um “desrespeito” sendo, inclusive, punido com todo tipo de agressões, desde as verbais às físicas.

O desprezo é um sentimento que emerge de relações hierárquicas e é devotado a quem ocupa as posições superiores (REZENDE e COELHO, 2010), já àqueles que ocupam as posições inferiores cabe a humilhação de ser desprezado. A humilhação também se apresenta diante de uma situação pública, diante de um *outro* (ou mesmo da ideia de que o outro possa estar presente mesmo não estando) e, enquanto ela acontece, parece ser infundável, além de proporcionar o sentimento de instabilidade emocional, pois a pessoa humilhada perde, por um momento, o controle sobre sua identidade.

No caso da Fernanda, ela agiu como a maioria dos humilhados agem, ficou sem resposta no momento decorrido. Todavia, sua resposta veio *a posteriori* com uma

atitude que mudou sua forma de se postar diante da família e da sociedade, se antes ela buscava esconder as tatuagens (em partes do corpo não tão à mostra), depois desse acontecimento, ela passou a não mais escondê-las e a tatuar locais visíveis. Ela se empoderou, tomou novamente a posse de sua identidade e passou a não mais sentir medo dos olhares e julgamentos de outrem, sobretudo quando esse *outro* é sua família.

### 3.2 Um corpo-rascunho

Na filosofia tradicional há uma nítida separação entre corpo-mente, sendo a mente associada à realidade imaterial, ao intelecto e à alma. O corpo é muitas vezes associado à prisão dessa mente, um estágio momentâneo e uma matéria finita que limita o infinito (a alma/mente), assim como também é associado ao simulacro da culpa – no pensamento cristão – perspectiva esta que ainda permeia nas religiosidades cristãs.

Na filosofia contemporânea, especialmente na filosofia nietzschiana, essa dualidade começa a ser esvaziada e volta-se uma atenção maior ao corpo. Em Nietzsche, o corpo não aparece como prisão, nem como culpa, e sim como um ambiente complexo que reúne pluralidades em constante movimentação que fornecem matéria à mente. Esse pensamento é o ponto de partida de outras filosofias para pensar o corpo como condutor de um sentido de identidade, essas novas perspectivas começaram a produzir obras cada vez mais voltadas à relevância do corpo enquanto um signo identitário.

Neste capítulo, irei adotar a perspectiva do corpo enquanto um elemento no processo de construção identitária, ou seja, a construção de uma autoidentidade e de uma perspectiva de si, um projeto pelo qual o indivíduo é responsável e em função do qual ele age (REZENDE e COELHO, 2010). Farei um paralelo com os relatos das informantes que compreendem a tatuagem como uma forma de ressignificar o corpo, ou seja, esse corpo é um acontecimento em andamento, um rascunho, desenhado e redesenhado a partir de técnicas que permitem sua significação e ressignificação.

A transitoriedade da configuração corporal aparece nas obras do antropólogo David Le Breton, em *Adeus ao Corpo* (2008). O autor trabalha a ideia do corpo, não mais visto em sua inteireza, e sim como um composto de partes descartáveis em constante alteração. Toma-se o corpo como acessório de natureza muito instável por

ser passível a sofrer constantes modificações, contudo – de forma paradoxal – o autor considera o corpo como a principal representação do *eu*, a identidade se exterioriza a partir da configuração corporal, conseqüentemente, as alterações assumem o papel de co-modificadores da identidade.

Outro conceito importante que aparece na obra de Breton (2008) é do pertencimento a si, ou a *posse de si*. O autor fala que as marcas corporais funcionam como uma retomada do próprio corpo: “As marcas corporais implicam igualmente uma vontade de atrair o olhar, de fabricar uma estética da presença [...] estejam elas permanentemente sob o olhar dos outros ou somente daqueles cuja cumplicidade se busca [...] É muitas vezes vivida como a reapropriação de um corpo” (2008, p. 40). A partir do momento que o indivíduo provoca intervenções em seu corpo, toma-se posse de si mesmo, pois quando se intervém no corpo, o indivíduo está afirmando sua autonomia pessoal e o resgate de sua propriedade individual compreendendo a corporalidade como uma marca de individualidade.

Deve-se atentar para o conceito de individualidade não como sinônimo de individualismo. Dumont (1992) propõe uma oposição entre individualismo e holismo, na qual no holismo – ideologia das sociedades tribais – o indivíduo é concebido como parte de um todo e sua identidade é definida a partir do pertencimento a um grupo familiar, no individualismo a construção da identidade se dá de dentro para fora e o indivíduo prevalece em detrimento ao social. A individualidade que procuro demonstrar aqui é a de uma construção dialética-complementar entre o individual e o social.

Para concluir o primeiro momento deste capítulo, trago alguns aspectos paradoxais da obra de Breton (2008): o corpo é colocado como um acessório, ou seja, algo que não é fundamental, todavia, assume o papel de definidor da identidade, uma representação da identidade do sujeito; ao mesmo tempo que representa um entrave – por seu caráter transitório – torna-se também uma tela para o mundo, onde o *eu* se expressa. Pretendo trabalhar com o aspecto do corpo-rascunho, ou seja, o corpo com potencial transformador – e não definidor – da identidade e a tatuagem é a técnica utilizada para reconstruir esse corpo.

Nos relatos, minhas informantes falaram sobre diversos aspectos da tatuagem e os significantes que elas trazem, em todos eles, pude notar como característica em comum o resgate da autonomia sob o corpo.

A tatuagem é uma forma de subversão por ser uma modificação corporal. O corpo é muito vigiado, a sociedade vigia muito o corpo pra que ele seja normatizado e a tatuagem é uma forma de você corromper esses padrões. (Jane Gomes, homestudio)

A perspectiva que Jane traz com o conceito de “vigiar” remete às novas formas de poder imersas na sociedade que buscam disciplinar o corpo sob diversos aspectos – por exemplo, a articulação de novas técnicas como os cuidados do corpo: exercícios, medicamentos, dietas – essas práticas revelam um controle restrito (FOUCAULT, 1977). Quando Foucault (1977) faz a discussão sobre o corpo vigiado através de práticas de saberes que perpassam campos de poder, ele discute sobre como a sociedade articula seu poder através de processos disciplinares que visam docilizar os corpos, tornando-os submissos.

A tatuagem é tratada aqui como uma subversão no sentido em que ela proporciona o resgate à autonomia, toma-se posse de si a partir do momento que se faz uma intervenção não-disciplinada.

A gente parte do princípio de que nós não temos o direito ao nosso próprio corpo, então aí que entra a questão da subversão, de falar: “o corpo é meu, sim! E vou modifica-lo do jeito que eu quiser”. E tem a questão da autoestima. Eu acho que a tatuagem muda nossa relação com nosso próprio corpo, às vezes tem uma região do nosso corpo que a gente não gosta tanto, mas aí faz a tatuagem e muda o que isso significa pra você, muda a maneira como você se enxerga e às vezes a tatuagem é uma mensagem de autoestima pra você mesma, mesmo quando é uma coisa puramente decorativa: “ah, eu fiz porque achei bonita”. (Maria Clara, cliente da Coven)

A subversão, aqui, deve ser entendida no aspecto microssocial e não macrossocial. Isso porque a tatuagem, hoje em dia, não é propriamente uma transgressão contra a ordem social visto que ela já está sendo mais aceita do que no passado, porém, ainda assim essa subversão se dá numa esfera micropolítica, o resgate à autonomia e ao poder de intervir no corpo a partir dos próprios parâmetros, até porque, as sujeitas que passam pelo ritual, precisam ter o mínimo de autonomia sobre si.

É interessante Maria Clara pontuar a questão da tatuagem puramente decorativa. Particularmente, quando escolho um desenho, eu o faço por tê-lo achado

belo, desde que me tornei consumidora de tatuagens, não procuro um significado para elas, apenas busco algo que irá ficar bonito na minha pele, dentro da minha perspectiva de beleza, assim, tenho desenhos que variam desde uma delicada vitrola na perna, até uma enorme caveira que carrego tatuada na coxa e me faz ser apontada como satanista por pessoas mais conservadoras, até mesmo alguns parentes.

A maioria das pessoas, sobretudo as não-tatuadas, sempre procuram um significado para os desenhos. A atitude de tatuar algo puramente decorativo, de fazer um adorno – sem um sentido específico – puramente estético, revela muito domínio sobre si e demonstra o descompromisso em satisfazer a necessidade de explicações que os outros olhares buscam.

Quando eu comecei a riscar eu não tinha nenhuma tattoo, tipo, eu só via as tattoo, aí eu comecei a riscar em outras pessoas, aí quando eu me risquei, aí eu senti exatamente isso, um poder massa, tipo: “Ai! Eu botei alguma coisa no meu corpo!”, “passei por aquela coisa”. É uma coisa tão milenar isso, a estética e as ferramentas de hoje são completamente diferentes, mas o sentimento é o mesmo. (Bia Rocha do homestudio Ateliê)

Novamente aparece o sentimento de autonomia, revelando a dimensão micropolítica e microsocial da tatuagem. Bia também conta que acha interessante notar os olhares na rua, ela fala dos “olhares estranhos” que a fitam, uma maioria que repara em seus desenhos revelando *algo* no olhar. Esse “algo” poderia ter duas dimensões: admiração ou indignação, eu apostaria na segunda, pois quando se admira uma tela se faz isso com cautela e os olhares sobre os quais Bia fala me pareceram bruscos, quase invasivos.

Eu acho que a tatuagem ressignifica o corpo e ressignifica às vezes a visão que a mulher tem do corpo, por exemplo, algumas tatuagens são claramente uma declaração de amor próprio e às vezes ela escreve isso – literalmente – no corpo. As áreas mais sexualizadas do nosso corpo são as áreas que nós tendemos a estranhar mais e a comparar mais com o padrão, então, por exemplo, a tatuagem embaixo dos seios, eu já ouvi de algumas meninas: “ah, mas eu não posso fazer porque eu tenho peitinho” ou “ah, não posso porque meu peito é caído”, só que aí conversando com elas e explicando que a tatuagem é feita de acordo com a anatomia de cada corpo, as que acabaram fazendo tiveram uma relação melhor com seus seios, porque é um adorno, então a gente se sente bem, se sente bonita. Eu acho

que a tatuagem empodera todas as pessoas, mas ela empodera as mulheres muito mais. (Tahiane do estúdio Coven)

De todos os corpos vigiados e disciplinados aquele que mais sofre com a represália é o feminino. Já discuti largamente sobre isso em capítulos anteriores<sup>10</sup>, mas trazendo à questão da ressignificação, Tahiane faz um direcionamento para a questão feminina, pois a disciplina incidente que recaí em forma de padrão estético aniquila muito a individualidade da mulher, quando a tatuagem ressignifica uma anatomia específica – como os seios – proporciona uma autoestima que faz a mulher relacionar-se melhor consigo.

Esse lance de ressignificar o corpo, ou partes do corpo que talvez te incomodem, que você não goste ou tenha alguma noia porque a sociedade impõe que seu corpo não era pra ser assim... Cara, na hora que você ressignifica isso para algo que você gosta, aumenta sua autoestima, melhora sua relação com você mesma, seu amor próprio e como você se vê. (Yasmin do estúdio Coven)

A tatuagem tem proporções abrangentes que podem provocar uma revolução na esfera individual, como a Yasmin falou no decorrer da entrevista, pode ser que o desenho não altere nada para terceiros, mas se altera para você – de uma forma positiva – o significado disso é imenso.

### **3.3 Dinâmica das emoções**

Quando eu me tatio, as primeiras perguntas que as pessoas costumam fazer, geralmente, sempre estão relacionadas à dor: “esse canto aí, dói muito?”, “por que fazer algo que vai lhe causar dor?”. A segunda pergunta é a mais interessante, afinal, por quê? Por que passar horas prostrada numa maca para sentir minha pele ser perfurada, inúmeras vezes, por tantas agulhas? Por que passar dias cuidando de uma ferida até vê-la cicatrizada? Por que correr esses riscos? Pretendo responder a essas questões relacionando-as com a obra de Rezende e Coelho (2010), a fim de apreender, um pouco, da dinâmica de emoções envolvidas no ato de tatuar.

---

<sup>10</sup> No decorrer do capítulo dois.

Acredito que grande parte do prazer começa com a sensação de experimentar as próprias funções corporais. Rezende e Coelho (2010), argumentam que, na infância, temos muitos impulsos passionais e uma intensa vontade de conhecer o mundo a partir do corpo, é assim que as crianças exploram seus limites – sendo consideradas impulsivas, inquietas e, até mesmo, hiperativas – pois elas estão *sentindo* o mundo a partir de uma linguagem corporal: elas correm, machucam-se, gritam, falam demais, comem areia (e outros elementos não-comestíveis), põe o dedo na tomada e tantas outras *traquinagens* que revelam uma curiosidade pueril natural à infância.

À medida que crescemos, somos civilizados com regras de convívio social que nos ensinam a controlar a intensidade de nossas emoções, assim, aprendemos a controlar impulsos inconscientes através de uma racionalização e psicologização dos comportamentos (REZENDE e COELHO, 2010). Segundo as autoras, essa contenção emotiva e a necessidade de se ajustar a uma conduta, leva o impulso de sentir prazer com as funções corporais a desaparecer na consciência adulta (2010).

É daí que surge – o que as autoras apontam citando Duarte (1999) – uma ênfase hedonista no prazer que entra em tensão com a tônica da contenção emotiva (2010). Rezende e Coelho discorrem sobre como, nas sociedades ocidentais modernas, há uma forte valorização dos sentidos associado aos “dispositivos da sensibilidade” que são pautados em três ideias fundamentais e articulados na relação do indivíduo com o mundo, são eles: a perfectibilidade, a experiência e o fysicalismo. Desse processo de valorar os sentidos, surgem também estratégias de maximização da vida, uma delas – a que me chamou a atenção para os fins deste trabalho – foi o hedonismo autoilusivo.

Enquanto estive estudando essa dinâmica, não pude deixar de associar o fysicalismo e o hedonismo autoilusivo à experiência que tive com Arnaldo e Hugo, logo mais explicarei essa associação, mas, primeiramente, discutirei brevemente a perfectibilidade e a experiência, debruçando-me sobre o hedonismo autoilusivo e o fysicalismo.

O pressuposto da *perfectibilidade* é da capacidade humana de se aperfeiçoar constantemente e de que o ser humano possui uma “verdade” inerente a si, já a *experiência* é o meio de aperfeiçoar a razão humana experimentando o mundo por meio dos sentidos; desse modo, a ideia de “sentido” está na raiz da razão e da

emoção, os sentidos são tomados como “veículos de instrução das atividades da mente” (REZENDE e COELHO, 2010).

O tema do *fisicalismo*, trazido pelas autoras e debatido por Duarte, trata de uma concepção de sujeito que surge da separação entre corpo e espírito, o autor vê na corporalidade uma lógica própria e busca compreender essa lógica considerando a noção de uma sensibilidade corporal que é fisiológica e sentimental, essa última conotação (da esfera sentimental), estrutura os “dispositivos de sensibilidade” que é a exploração do corpo na busca pela intensificação do prazer.

O hedonismo autoilusivo é um desses dispositivos e consiste numa forma autoilusiva de sentir o prazer. As autoras expõem, como exemplo, o consumo através da estimulação midiática, nesse sentido, o hedonismo (que é a vivência do prazer) surge a partir de uma antecipação da experiência não-vivida, no caso, a mídia estimula no consumidor o desejo por um produto a partir da criação de anseios em relação ao produto que é vendido como o “melhor” e como uma “necessidade”. Assim, no hedonismo autoilusivo, os indivíduos consomem as imagens mentais do produto, são elas que proporcionam o prazer (REZENDE e COELHO, 2010).

No caso do Hugo, ele afirma que “a dor é a melhor parte da tatuagem”, ou seja, para ele, o prazer está no *acontecimento*, o resultado não é tão prazeroso quanto o ato. Relacionei esse caso com o fisicalismo por ter notado a característica da intensificação do prazer a partir de uma experiência sensorial, no caso: a dor, e a excitação causada por ela.

Noto essa característica em muitas pessoas consumidoras de tattoos, muitas afirmam que a “dor é a melhor parte da tatuagem”, uma perspectiva que dialoga com a questão da intensificação das emoções sensoriais através de uma vivência do corpo não-comedida. Outro ponto interessante abordado por Rezende e Coelho que se encaixa ao caso é sobre o risco e o medo. Elas trazem um caso ilustrado por Rocha (2008) dos praticantes de esportes radicais, para eles, o risco proporcionado pelo esporte é uma opção de um estilo de vida pautado na vivência intensa da emoção, aqui, o risco e o medo são considerados experiências positivas por permitirem a superação de desafios e a provação da coragem; além do mais, no caso dos *base jumpers* (praticantes do salto de edifícios), a proximidade com a morte é uma forma de ressignificar a vida.

Na tatuagem há uma superação psicológica (o medo) e física (a dor). O medo da dor costuma ser uma prerrogativa negativa para os não-iniciados no universo da

tatuagem, por vezes – apenas a antecipação da dor – é motivo suficiente para fazer alguém desistir de se tatuar. Voltando ao Hugo, procuro afirmar que seu prazer nasce de uma ideia inconsciente de superação dos seus limites corporais, e de uma perspectiva inconscientemente fisicalista, ou seja, de viver intensamente aquela experiência sensorial.

No caso do Arnaldo, há uma antecipação da dor, ele a teme antes mesmo de senti-la, pois, já tendo sentido uma vez (em sua primeira tatuagem), suas recordações não são positivas, nem prazerosas, fato este que norteou uma decisão prévia de não se tatuar novamente. Todavia, se sua primeira experiência emocional não foi favorável, por que se tatuar de novo? Acredito que aqui entra o hedonismo autoilusivo, diferente do Hugo, não é a vivência do momento que causa prazer e sim a realização do processo.

Arnaldo não é estimulado por criações midiáticas, mas, ainda assim, o prazer nasce das imagens mentais que ele criou acerca da tatuagem. Idealizar aquele desenho em seu braço despertou nele o desejo de tê-lo. Nesse caso, o prazer se deu pelo devaneio que – trazendo Campbell a partir do texto (REZENDE e COELHO, 2010) – é o hiato entre o desejo e a consumação. O anseio por realizar aquela tatuagem e sua capacidade de fantasiar em cima das imagens daquele objeto, proporcionou o estado emotivo que Arnaldo precisava para superar a dor física.

Acredito que essas perspectivas possam elucidar as questões trazidas acima, a superação da dor pode nascer do desejo de intensificar a experiência sensorial do corpo, do prazer autoilusivo provocado pela ideia de possuir a tatuagem ou mesmo de ambos. No meu caso, por exemplo, já vivenciei as duas situações, vivendo muito mais a primeira do que a segunda, porém, houveram casos – como na minha tatuagem *under boobs* – em que a idealização do desenho foi o que sustentou minha permanência na maca, pois a dor estava insuportável e eu não consegui me manter numa relação confortável com ela.

Assim como nos nossos estados cognitivos da infância, onde conhecíamos o mundo através do corpo, na tatuagem, buscamos conhecer nosso próprio corpo através da dor. Eu diria que é um suspiro aliviado, e momentâneo, dessa intensa contenção emocional que nos obrigamos a vivenciar diariamente, é sentir na pele uma torrente de vibrações.

## Considerações finais

Quando surgiu a ideia de fazer essa pesquisa sobre mulheres tatuadoras, eu tinha a concepção, embasada em observações precedentes, de que as mulheres eram excluídas no meio da tatuagem. Após começar minha pesquisa e meus estudos no campo, conheci muitas tatuadoras que me mostraram uma situação diferente da que eu imaginava.

A quantidade de tatuadores, de fato, ainda é mais expressiva do que a de tatuadoras e, de acordo com os relatos das informantes, os casos de machismo por parte de alguns tatuadores ainda acontecem, todavia, é um cenário que está mudando.

As tatuadoras estão cada vez mais ocupando esse espaço e crescendo em números cada vez mais expressivos, o público que consome tatuagens está começando a se moldar a ideia de *tatuadora* e novas profissionais estão surgindo. A cena da tatuagem em Natal, atualmente, é muito diferente da cena de 2012 e, até mesmo, a de 2014.

Em 2012, por exemplo, as tatuadoras ainda estavam aparecendo, de uma forma tímida e pouco expressiva numericamente, eram poucas as que trabalhavam em estúdios e poucas as que conseguiam se destacar, levando em consideração o cenário masculinizado na cidade, agora, em pleno 2017, elas estão deixando sua marca de uma forma muito mais intensa. Ainda é um ramo masculinizado porque, de acordo com as informações que tive acesso, os tatuadores estão em maior número, mas acredito que a crescente expressividade das mulheres está revertendo o quadro de machismo no meio.

Também foi interessante apreender os diferentes significados que a tatuagem traz e como ela faz parte da narrativa de sujeitas e sujeitos. Foi importante compreender como a tatuagem participa de um processo subjetivo que envolve uma dinâmica de afetos e perceber como os desenhos afetam as pessoas que os tatuam e também como afeta os olhares de terceiros.

Pensar a tatuagem como um ritual imbuído de valor simbólico permitiu dar um sentido à tatuagem para além da questão estética. A reconquista de uma autonomia sobre o corpo, a ressignificação desse corpo e conseqüentemente o resgate da autoestima, a reafirmação de uma identidade e a experimentação do corpo através da dor, são significados inculcados no ato de tatuar.

Além disso, compreender a tatuagem como um trabalho em equipe, como um procedimento cerimonial realizado por duas pessoas (a tatuadora e a tatuada) proporciona uma abrangência maior acerca de responsabilidades e cuidado. É importante saber que deve existir uma relação de confiança e respeito naquele procedimento e que, a pessoa tatuada, também tem responsabilidades naquele processo. Ter a consciência disso, demonstra o quanto a tela tem *poder* sobre si, sobre seu corpo e sobre suas escolhas.

Como disse Tahiane, a tela leva as artes das tatuadoras para vários lugares, e as próprias tatuadoras também são tela, muitas são telas de si e riscam a si mesmas. Em suma, a tatuagem é uma linguagem poética escrita com agulhas.

## REFERÊNCIAS

- OSÓRIO, Andréa Barbosa. *O Gênero da Tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. RJ, 2006.
- VILAR, Julyana. *Arte, Prazer e Bisturi. Construção corporal através da body modification*. Natal, 2012.
- BARROS, Simone Grace de. *Tatuagem e Construção de Identidade em Piriguetes: Um estudo em Recife, Pernambuco*. PE, 2014.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- COSTA, Zeila. *Do porão ao estúdio: trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem*. Dissertação de mestrado, SC. 2004.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Zahar Editores, RJ, 1981.
- SARDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando Empoderamento na Perspectiva Feminista*. In: I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO. Salvador, BA, 2006.
- BATLIWALA, Srilatha. *The Meaning of Women's Empowerment: New Concepts from Action*. In: G. Sem; A. Germain; L.C.Chen (eds.). *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*. Boston: Harvard University Pres, 1994.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*. Educação e Realidade, 1995.
- ORTNER, Sherry. *Poder e Projetos: reflexões sobre a agência*. In: Conferências e Diálogos: Saberes e práticas antropológicas. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- ANGELIN, Rosângela. *A Caça às Bruxas: uma interpretação feminista*. Site: Catarinas: Jornalismo com perspectiva de gênero. 2016. Disponível em: <<http://catarinas.info/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista/>>. Acesso em: 15/10/2017.
- COSTA, Isabelle Rodrigues de Mattos. *Do Malleus para Eastwick: onde o feminismo é considerado bruxaria*. Site: Litcult. Revista Mulheres e Literatura, vol. 18, 2º Semestre, 2016. Disponível em: <<http://litcult.net/do-malleus-para-eastwick-onde-o-feminismo-e-considerado-bruxaria-isabelle-rodrigues-de-mattos-costa/>> . Acesso em: 15/10/2017.

O que é a Religião Wicca?. Andréa Lopes. s.d. Wicca Cia das bruxas: Estilo de vida, corpo, mente e espírito. Disponível em:

< <http://www.wiccaciadasbruxas.com.br/wicca.html> > Acesso em: 15/10/2017.

OSÓRIO, Andréa. *Tatuagem e autonomia: reflexões sobre a juventude*. In: revista Cadernos de Campo, SP. 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. FGV, editora, RJ. 1 ed, 2010.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. RJ, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Vozes, 1977.

VILHENA, Julia; ROSA, Carlos Mendes e NOVAES, Joana de Vilhena. *Narrando Dores. A tatuagem como narrativa*. In: Cad. Psicanál. – CPRJ. RJ, v. 37, n.33, 2015.

## ANEXOS



Figura 28: Vista da sala de entrada do estúdio Coven Tattoo. Fonte: própria (2017)



Figura 29: Vista da parede com o crânio. Estúdio Coven Tattoo. Fonte: própria (2017)



Figura 30: Na sala de tatuagem. Parede da Karen. Fonte: própria (2017)



Figura 31: Parede da Cintia. Fonte: própria (2017)



Figura 32: Parede da Tahiane. Fonte: própria (2017)



Figura 33: Parede da Yasmin. Fonte: própria (2017)



Figura 34: Eu e Jessy na segunda sessão da tatuagem na perna. Fonte: Jessy

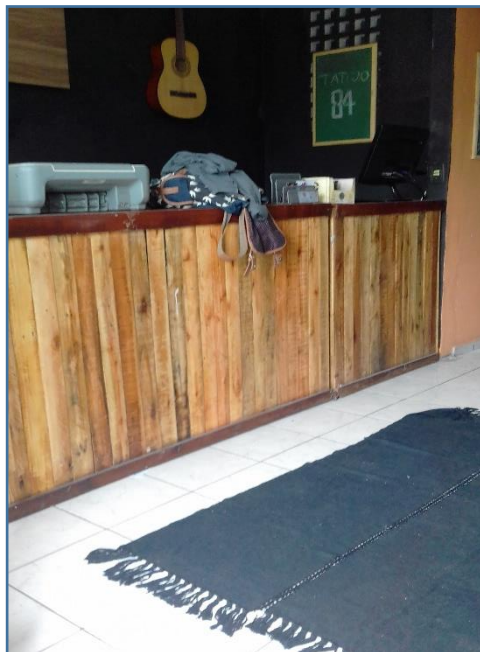


Figura 35: Estúdio Tattoo 84. Fonte: própria (2017)

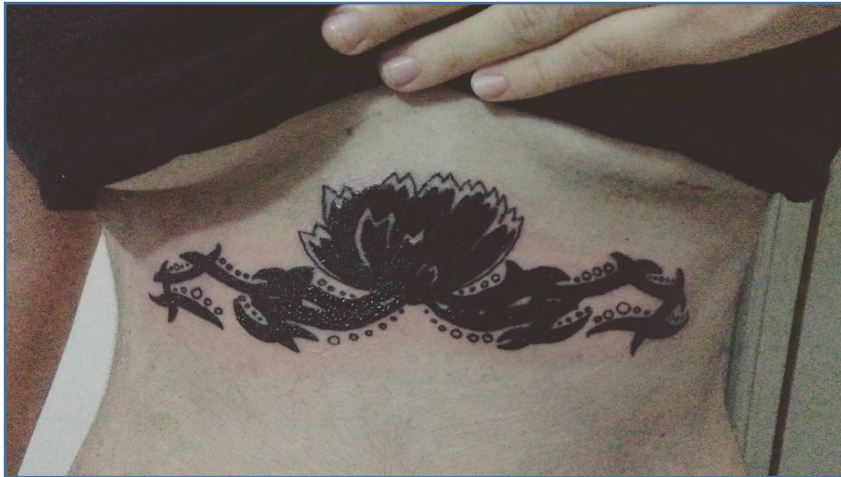


Figura 36: Tatuagem under boobs feita em mim por Jane. Lótus tribal.  
Fonte: Jane



Figura 37: Tatuagem Katrina feita por Jane na minha perna. Fonte: Jane

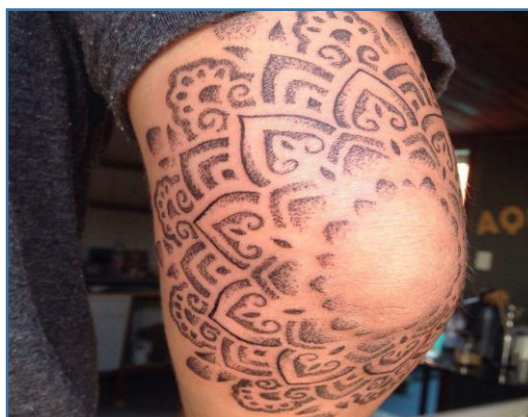


Figura 38: Tatuagem da Bia Rocha. Fonte: Bia Rocha



Figura 39: Tatuagem da Bia Rocha. Fonte: Bia Rocha

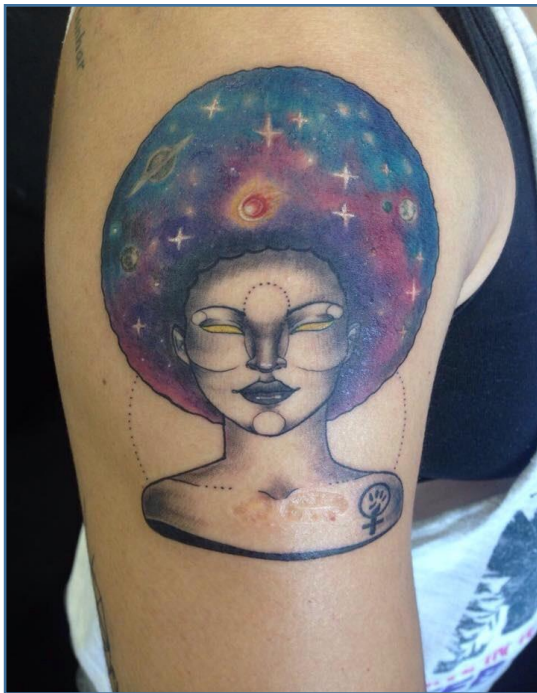


Figura 40: Tatuagem da Tahiane. Fonte: Tahiane



Figura 41: Tatuagem da Jessy. Fonte: Jessy.

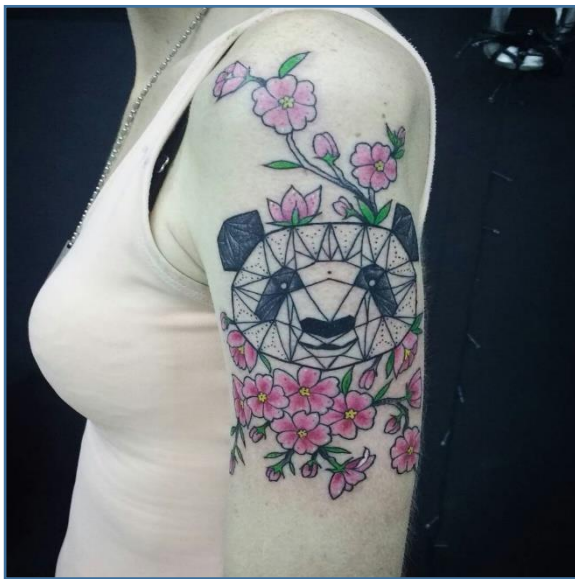


Figura 42: Tatuagem da Karen. Fonte: Karen



Figura 43: Tatuagem da Cintia. Fonte: Cintia.



Figura 44: Obra Mother Of Crows da Yasmin. Quadro em moldura no estúdio Coven Tattoo. Fonte: própria (2017)



Figura 45: Desenhos da Jessy no Flash Day de inauguração do estúdio Tattoo 84. Fonte: própria (2017)